

**FUNDAÇÃO GETULIO VARGAS  
CENTRO DE PESQUISA E DOCUMENTAÇÃO DE HISTÓRIA CONTEMPORÂNEA  
DO BRASIL (CPDOC)**

Proibida a publicação no todo ou em parte; permitida a citação. A citação deve ser fiel à gravação, com indicação de fonte conforme abaixo.

FRY, Peter Henry. Peter Henry Fry I (depoimento, 2008). Rio de Janeiro, CPDOC/Fundação Getulio Vargas (FGV), (4h 43min).

Esta entrevista foi realizada na vigência do convênio entre CONSELHO NACIONAL DE DESENVOLVIMENTO CIENTÍFICO E TECNOLÓGICO (CNPQ). É obrigatório o crédito às instituições mencionadas.

**Peter Henry Fry I  
(depoimento, 2008)**

Rio de Janeiro

2019

### *Ficha Técnica*

**Tipo de entrevista:** Temática

**Entrevistador(es):** Arbel Griner; Celso Castro; Guilherme Mussane;

**Levantamento de dados:** Celso Castro;

**Pesquisa e elaboração do roteiro:** Arbel Griner; Celso Castro; Helena Maria Bousquet Bomeny; Karina Kuschnir; Mário Grynszpan;

**Técnico de gravação:** Ítalo Rocha Viana; Marco Dreer Buarque;

**Local:** Rio de Janeiro - RJ - Brasil;

**Data:** 14/07/2008

**Duração:** 4h 43min

Arquivo digital - áudio: 3; Arquivo digital - vídeo: 3; MiniDV: 6;

Entrevista realizada no contexto do projeto “Cientistas sociais de países de Língua Portuguesa: histórias de vida”, com financiamento do Programa de Cooperação em matéria de Ciências Sociais para os países da comunidade de Língua Portuguesa (Programa Ciências Sociais CPLP) do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). O projeto teve vigência de dois anos (2008/2009). Para ter acesso à transcrição e ao vídeo da entrevista [clique aqui](#).

**Temas:** África; Antropologia; Atividade acadêmica; Brasil; Ciências Sociais; Discriminação racial; Formação acadêmica; Fundação Ford; Gilberto Freyre; História de vida; Intercâmbio cultural; Marshall Sahlins ; Mary Douglas ; Moçambique; Museu Nacional; Portugal; Religião; Universidade Estadual de Campinas; Zimbábue;

## *Sumário*

Entrevista: 14.07.2008 Fita 1: Origens familiares; comentários sobre sua formação: estudos em colégios internos e de Matemática em Cambridge; a descoberta da antropologia; a bolsa de estudos e a ida para a Rodésia do Sul (atual Zâmbia); o conhecimento e contato com a Antropologia de Manchester na África; menção à fundação da Universidade Kremlin on Hill e a mudança que esta provocou na Constituição do país; comentários acerca da realidade racial e do movimento nacionalista na Rodésia do Sul; o doutorado e a orientação de Clyde Mitchell e Mary Douglas; volta para à Inglaterra nos anos 60; a ida para o Zâmbia em 1969 e a realização do filme Day of rest; experiências na sociedade africana: a participação em rituais dos antepassados; estudo sobre a religião e os xamãs; o contato com a língua portuguesa em viagem ao Zimbábue e Moçambique e a descoberta de uma sociedade diferente da Rodésia nestes países; a paixão por Portugal; o aprendizado do português; comentários sobre a curiosidade e interesse com relação ao Brasil; chegada ao Brasil para lecionar na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp) em 1970; a naturalização em 1982; o contato com o Museu nacional e com a Universidade de São Paulo (USP). Fita 2: A ida para o Rio de Janeiro em 1983 como professor convidado; impressões acerca da cidade de Campinas; comentários sobre a experiência na Fundação Ford (1985-1989), dotada de um conhecimento cosmopolita; as ações da Fundação: o investimento na inteligência e os projetos de incremento de renda para população pobre; menção à atuação da fundação na África; a volta a este continente em 1989; o encanto por Moçambique; o Centro de Estudos Africanos e suas estruturas conservadoras; a mobilização acadêmica em prol do aprendizado entre países de língua portuguesa; o meio acadêmico em Moçambique; opinião acerca da conduta da colonização portuguesa em relação à procriação; rotulação racial e sexual: comentários sobre os movimentos gay, feminista e negro; opinião com relação a política de cotas raciais no Brasil; contribuições da Antropologia para pensar a própria vida; a sua condição de “nativo situacional”. Fita 3: Referenciais teóricos: Jack Goody, Mary Douglas, o preferido Marshall Sahlins, Gilberto Freyre, Os sertões e Glauber Rocha; volta para o Rio de Janeiro e a ida para o Instituto de Filosofia e Ciências Sociais (IFCS); comentários acerca dos quinze anos passados no IFCS: a decepção e o boicote sofrido no Instituto; opinião sobre as Ciências Sociais no mundo de hoje: a burocratização do curso e o business do conhecimento; a universidade pública em decadência no Brasil; menção à vida pós-

aposentadoria; a admiração por Aguinaldo Silva e o seu impacto sobre a sociedade brasileira; a vida fora da universidade.

*Entrevista: 14/07/2008*

Celso Castro - Peter, vamos começar com algumas questões, um pouco da sua trajetória biográfica: família, formação escolar, graduação. Você nasceu na Inglaterra, em 1941. A gente queria que você falasse um pouco da sua formação escolar e como você foi parar na antropologia.

Peter Fry – Versão curta, suponho.

C. C. – É. Bom. Você fique à vontade.

P. F. – Alfabetizei-me numa escola primária do Estado. Depois, com sete anos de idade, me mandaram para um colégio interno. Minha mãe era muito doente. Eu fiquei lá até os treze anos. Aos treze anos, fui para uma outra escola interna. A divisão lá é assim. Estudei nessa escola, outro colégio interno, até os meus 18. E acabei me especializando em matemática. Naquela época, e ainda hoje, você tem que especializar antes de ir para a faculdade, então eu fiz matemática e física. E acho que vale a pena dizer que eu sabia, eu era bom de matemática e de física, mas não tinha grande paixão. Era uma decisão astuta. Embora a minha família não era de todo ignorante, ela também não competia com as famílias dos meus amigos.

C. C. – Qual era a ocupação?

P. F. – Meu pai era advogado. Minha mãe era do lar, como se diz, vítima daqueles tempos. Não. Meu pai tinha pretensões literárias e tal; mas eu não fui criado num ambiente absolutamente literário então... Eu fiz matemática e física porque entendi que eles se baseavam numa linguagem universal e que eu poderia competir em termos de igualdade com qualquer um. Então entrei na universidade, em Cambridge, e estudei matemática por um ano apenas; com um tutor que, mais tarde, descobri que era o introdutor da matemática moderna na Universidade de Cambridge. Chamava-se Littlewood. Mas eu não sabia. E me dei conta que, embora soubesse fazer a matemática, eu não era matemático; ficou claro para mim que não era minha vocação. A única coisa que eu tive em comum com os demais matemáticos era paixão pela música do Bach, que é muito... Fora disso, nada. Eles jogavam xadrez o tempo todo, e eu não - Bridge. Eu tive, no colégio, o privilégio de ter sido semi-adotado por um professor, que gostava de mim e mais um colega meu. Que, ainda hoje, é meu melhor amigo. Ele achava que nós merecíamos conversas; então, embora uma escola anglicana, religiosa, ele nos ensinou como ser bons ateus. Era biólogo. E deu várias coisas para a gente ler. Dois livros me vêm à

memória sempre. Um chama-se *The Living Brain, O Cérebro Vivo*, do Grey Walter, que era o início da cibernética. E *The White Goddess, A Deusa Branca*, de Robert Graves, cuja idéia era de que a Virgem Maria etc. e tal era apenas mais uma continuidade das velhas deusas da fertilidade. Que nós achamos maravilhoso. E suponho que aquilo deve ter sido uma espécie de relativização precoce porque, de repente, tudo o que acontecia naquela capela parecia ridículo, realmente ridículo. Tivemos acesso de risos. Ao mesmo tempo, ainda até hoje, adorando a música, a letra, a poesia dos salmos, etc., tudo, tudo isso ficou. Mas as crenças... Nada. Isso foi a primeira e última conquista intelectual de minha vida, [riso] aos quatorze anos, mais ou menos.

C. C. – Como era o nome dele?

P. F. – O nome era Mr. Thoday. [*Soletra*] Ele era irmão do professor de genética da Universidade de Oxford. Ele era um biólogo. Um professor de escola secundária dedicado. Morreu agora. Aí fui para Cambridge; e Saint John's College, porque Saint John's College era considerado bom para matemática e tinha também um órgão, que tinha sido recentemente renovado, na capela, um órgão lindo, que eu tocava, na época. Bom. Fiz matemática. Vi que não era matemático. Eu acho que foi esse Robert Graves, talvez... Não sei que diabos... *Não sei* – realmente, eu não sei o quê cargas d'água era a antropologia, mas eu sabia. A única coisa que eu lembro mesmo era de que eu queria fazer alguma coisa que eu poderia conversar com os meus amigos e queria fazer alguma coisa que era entre as artes e as ciências, então achava que antropologia era mais ou menos assim. Que de fato é. E foi São Paulo no caminho de Damasco, porque eu... eu comecei a nadar. Fiquei feliz.

C. C. – Mas como foi?

P. F. – Foi nas primeiras aulas. Porque as primeiras aulas... era uma experiência fantástica. Naquela época, não sei se mudou, as aulas eram muito formais. Quarenta e cinco minutos só. Você entrava de beca, sentava, recebia aquela aula e saía. Quarenta e cinco minutos. E, uma vez por semana, você encontrava com seu tutor, para quem você tem de escrever alguma coisa. Então, de fato, a aprendizagem era com o tutor, não era em sala de aula. E a sala de aula às vezes era boa, às vezes não. Dependendo do comando e oratória dos professores. Edmund Leach, que dava aula naquela época, era genial. Ele era absolutamente genial. Completamente irreverente, e fazia questão. Iconoclasta mesmo. E era na época daquele virgem... nascimento virgem, então, vi aquela irreverência com a Nossa Senhora, achei que eu

tinha realmente chegado no lugar certo. E foi assim. Eu penso também que, quando você é um rapaz muito infeliz, que eu sempre fui, a antropologia também ajuda, porque ela constrói sobre o seu estranhamento, eu penso. Eu era uma pessoa muito solitária e acho que veio no sentido de me propiciar algum *ethos* razoável. De qualquer maneira, fiquei muito feliz, fiz bons amigos também, naquela época. Mas eram apenas dois anos, então não... Eu perdi o primeiro ano do curso. O primeiro ano do curso era antropologia física, antropologia da cultura material e antropologia social, então perdi a parte de cultura material e antropologia biológica. Perdi. E nunca consegui recuperar. Então foi isso. Fiz dois anos. Depois disso, eu procurei emprego, ao mesmo tempo que me candidatei para uma bolsa de estudos. Só para vocês terem uma idéia de como eram as coisas naquela época. O meu tutor era um... Eu tive muita sorte. Meu tutor era Jack Goody, que era do meu *college*, meu colégio. Ele disse assim: “ E tinha uma bolsa da Comunidade das Nações Britânicas, na antiga Rodésia do Sul, depois Zimbábue. Disse: “Essa aqui é uma boa, porque lá tem Clyde Mitchell, que é o chefe do Departamento, tem Jaap Van Velsen e tem outros. É bom departamento. Recomendo muito que você vá lá.” Aí eu fiz a entrevista e passei e fui. Já escrevi sobre isso. Fui de trem, fui de barco. E cheguei lá, na então Rodésia, e lá encontrei com outro... Bom. A antropologia de Cambridge era, basicamente... Bom. O meu tutor, Jack Goody, o professor catedrático era Meyer Fortes, eles dois eram *west-Africanists* – Nigéria, Gana. Edmund Leach era muito distante, era de outro colégio. Cambridge, depende muito em que colégio você está. Ele ficava cuidando das pessoas que estudariam lá na Oceania e Jack Goody, da África. Então, era mais ou menos inevitável que eu fosse para a África. E nesse departamento eram todos ex-alunos do Max Gluckman<sup>1</sup> e colegas dele. Ele era vivo ainda. Eu não tinha lido muito do Gluckman no curso de graduação. E eles apresentaram Gluckman como uma espécie de revolução que eu deveria logo me informar, porque tudo o que vinha antes era ruim. Então me deram para ler “*Analysis of a social situation in modern Zululand*”. Conhece? É um artigo maravilhoso do Gluckman. Que eu li, assimilei. Depois, a “Dança Kalela”, do Clyde Mitchell. E as outras coisas, todo aquele trabalho que eles fizeram em Zâmbia, atual Zâmbia, - antiga Rodésia do Norte - sobre a industrialização na África, porque a preocupação deles não era a de resgatar um passado permanente, mas sim de estudar a África contemporânea na sua volatilidade, no seu processo de industrialização e migração de mão-de-obra, sobretudo, e como isso afetava, evidentemente, as áreas rurais, as áreas urbanas e tal. Então, realmente, foi uma outra antropologia. Aliás, uma antropologia que me ajudou muito vindo para cá, porque, quando vim para cá, de fato, algumas coisas que eu

tinha aprendido lá eram úteis, muito mais úteis, talvez, de que *African System of Kinship and Marriage* ou coisa do gênero.

C. C. – Era antropologia de Manchester.

P. F. – É, antropologia de Manchester.

C. C. – Como é que foi essa mudança de ambiente, da antropologia de Cambridge para Manchester? Ou não havia problema?

P. F. – Bom. Eles me acusaram... O meu grande professor lá, falecido também, Jaap Van Velsen, um homem absolutamente extraordinário. Alto, sempre andava de botas e bermudas muito compridas, barbudo, e usava cachimbo; muito brusco, muito bruto. Holandês. Ele teria sido da Resistência durante a Segunda Guerra Mundial. E ele que me pegou desde o início. Eu morria de medo dele. E ele me tratava mal; me acusava de efebo, de *effete*, de totalmente Cambridge, que eu tinha que virar gente do mundo, que não era possível continuar dessa maneira. Porque o argumento deles é que Cambridge era uma redoma, que era uma África que já não existia mais, que era necessário entender esse processo de mudança. Eles foram cruéis comigo. O que eu dou graças a Deus. E depois, ficamos muito amigos, muito, muito. E até hoje, eu sou muito amigo da viúva dele. Ele morreu de esclerose múltipla. A mesma doença que matou minha mãe. Bom. E ele... Só para te dar uma idéia do tipo que ele era. Bom. Mas cheguei em... 64. A universidade, lá na Rodésia do Sul, era chamada de *Kremlin on Hill*. Ficava um pouco acima da cidade, na época era Salisbury, agora é Harare. Harare era o nome da *African township* mais antiga de Salisbury. Não era o nome da cidade. A universidade ficava assim. E a universidade era... Quando a universidade foi fundada, eles tiveram que mudar a constituição do país, porque era uma área... Porque o resto do país era determinado por uma legislação... *the land apportionment act* Distribuição da terra. Não é isso. Que era tudo racial. Como a universidade tinha que ser, por definição, para todos, eles tiveram que mudar a Constituição. E criaram, mudaram, para naquela área poder viver gente da Europa, gente da África. E lá também tinha uma divisão entre os africanos, indianos, *coloureds*, que são os mestiços, e nós europeus. Então era uma universidade incrível, realmente incrível, e de boa qualidade.

C. C. – A antropologia, às vezes, é acusada de ser uma disciplina colonialista na sua história, mas lá era o contrário, era anti-apartheid.



P. F. – O contrário. E o Gluckman também. É muito injusto. O próprio Gluckman foi acusado. Todo mundo era. Simplesmente, por pertencer à metrópole, tinha, evidentemente, alguma responsabilidade; mas o Gluckman passou a vida inteira dele contra. Ele era judeu, marxista, comunista, o diabo a quatro, então... Não era nada justo. Não. E o Jaap Van Velsen, ele era totalmente, até o pescoço, na política dos africanos, contra o governo branco da época. E ele disse para mim, quando comecei minha pesquisa, disse: “Peter, você vai, evidentemente, simpatizar com o movimento nacionalista, mas você não vai ter nada a ver com esse movimento; e se você se sentir – que vai sentir – mobilizado para contribuir para o fim desse regime, você deveria falar com seus pais, escrever para os seus pais.” E deu como exemplo... Ele disse que eu não poderia ficar atento àquele movimento nacionalista porque eu era branco, e que o momento exigia separação. Era uma questão de tática política. E deu o exemplo dele na 2ª. Guerra, porque, sendo holandês, ele poderia ter que matar os seus primos e tios do lado alemão. Ele achava que esse era um bom exemplo. Depois eu vi que ele era completamente hipócrita, porque ele... eu vi ele, uma vez, ensinando os alunos negros a interpelar o reitor. E eu disse: “Mas você não me disse que não poderia participar?”, “Eu não estava participando. Eu não estava. Estava apenas enfiando um *red rock poker* - como é que chama aquela coisa para mexer com o fogo, feito de metal? - incandescente [inaudível] no cu deles. Apenas isso.” Ele falou. E achava então que... Bom. Mais tarde, eu descobri que ele...

Guilherme Mussane – Podia se dar idéias, mas não militar.

P. F. - Talvez, talvez. Mas ele militava, porque eu descobri mais tarde, bem mais tarde, que ele mais um grupo de colegas, entre eles Giovanni Arrighi, que dava aula lá, de economia, eles formavam uma célula de um partido chamado ZAPU [*Zimbabwe African People's*] e importavam granadas da Rodésia do Norte. Esses foram todos expulsos pelo Smith, antes do Smith saber que eles faziam isso. Eles foram expulsos porque eles estavam... O Smith não queria que eles agitassem na universidade, então foram expulsos. Foram para Zâmbia. Depois que ele descobriu que eles estavam todos envolvidos numa rede de importação de granada, para jogar em restaurantes. Eles achavam que eles iam provocar a revolução. É muito parecido com o Brasil em 64. Muito, muito. Em 68. Perdão. Muito parecido. Um bando de intelectuais analisando, achando que a situação é pré-revolucionária, bastava um pouco de guerrilha urbana e o povo ia se levantar. E nada disso aconteceu.

C. C. – Veio a independência, não é Já depois de você deixar.

P. F. - Não. Veio a independência do Smith quando eu lá estive. Em 65, ele como D. Pedro I falou independência ou morte. É muito parecido o processo. Porque não houve morte nenhuma e a coisa continuava. Eu saio de lá um ano depois. Voltei para a Inglaterra. E nunca mais voltei, até 1989. Mas essa é outra história.

C. C. – Na Inglaterra, você já havia começado o doutorado?

P. F. – Não. Eu me inscrevi lá na Rodésia, porque aquela universidade lá chamava-se University College of Rhodesia and Nyasaland. Essa *Rhodesia and Nyasaland* era uma tentativa dos ingleses de juntar Rodésia do Sul, Rodésia do Norte e Nyasaland - chama agora Malauí, Zâmbia e Zimbábue- a idéia de juntar, fazer uma espécie de domínio de língua inglesa, que resistisse à extrema segregação da África do Sul, mas que não entregasse imediatamente o sufrágio aos africanos. Era uma coisa. Chamava-se *partnership*. Era uma coisa maluca, que não deu certo. Mas fizeram uma universidade. E a universidade fazia parte da Universidade de Londres. Era assim que a Inglaterra botava universidades nas suas colônias. Eles chamavam de *University College*. Tinha em Ibadan, é um exemplo, na Nigéria, em Makarere, Uganda, e essa na Rodésia. Então ele dava bacharelados da Universidade de Londres e os trabalhos eram corrigidos pelos professores de Londres. Que era uma maneira de manter o padrão. Então eu me inscrevi no doutorado lá e ganhei dois orientadores. Orientador um, Clyde Mitchell, lá mesmo, e Mary Douglas, que estava... que eu nem conhecia – mas ela dava aula na University College London. E quando voltei para Londres então, ela me convidou para ser assistente do Departamento na University College. Então, eu fui absolutamente abençoado, não tive que fazer concurso nenhum.

C. C. – E como era a Mary Douglas como orientadora?

P. F. – A Mary Douglas... [riso] Completamente maluca. Não. Era muito louca. Sempre foi muito louca. Sabe aquelas pessoas de uma inteligência fora do comum? Absolutamente fora do comum. Um estilo de... um raciocínio rápido – rápido, muito esquemático. Ela é muito durkheimiana. Muito matemático. Talvez, por isso que a gente se dava tão bem. E estruturalista de mão cheia. Mas muito, muito louca. Você conversava com ela, ela chupava tudo o que você falava, assimilava aquilo na sua última teorização e regurgitava dessa maneira; então não era exatamente um diálogo muito proveitoso. Mas eu amo essa mulher. Eu estive com ela quando morreu, então... Crítica não se faz. E ela cuidou de mim. O fato é este. E ela me levava, me ensinava a dar aula, me ensinava a falar em público. Pequenas dicas. Às vezes, ela era

convidada para falar, ela não quis, ela me levava. Imagina a situação. Eu, vinte e quatro, vinte e cinco anos, substituindo a Mary Douglas. A decepção dos outros era enorme. Então, eu levantava e pedia desculpas. Ela disse: “Peter, nunca peça desculpas. Nunca! Se você continuar pedindo desculpas, as pessoas vão achar que você tem que se desculpar mesmo. Você tem que falar. Se as pessoas gostam, gostam, se não gostam, não gostam. Mas não pede desculpas.” Então... aprendi. Então... Não sei se posso falar mais que isso, mas... E era uma pessoa muito amargurada porque ela... Ela não era muito convencional. Era católica, para começar. Era muito... Não era típico dos antropólogos que eu conheci. Era muito feminina. Muito convencional. Muito, muito convencional. A casa dela era muito convencional: com a parte da família, o marido... meio assim, que cortava a carne aos domingos, um passeio depois do almoço para fazer a digestão... Era muito, muito conservador. E o marido era conservador, trabalhava no Partido Conservador. Ela não era conservadora, era diferente, mas ela tinha um estilo de vida muito conservador. Então nunca foi... eu acho que nunca foi realmente reconhecida institucionalmente. Quando ela ganhou uma cátedra, era uma cátedra pessoal, não era institucional, então ela foi para os Estados Unidos, trabalhou lá, onde ela foi reconhecida.

C. C. – Foi nessa época que ela publicou *Purity and Danger*...

P. F. – Tinha acabado de sair quando entrei.

C. C. – 66, talvez.

P. F. – É. Tinha acabado de sair quando eu voltei para Londres. Eu tive que ler este livro para saber quem estava me orientando. Este é o *Lele*, que eu não tinha lido.

C. C. – E a sua volta à Inglaterra? Você disse que se sentia muito solitário antes dessa passagem pela África. E a volta ao lar?

P. F. – Piorou. Não. Piorou, porque a Inglaterra... Bom. Isso pode soar de muita ingenuidade, mas... Quando você tem poucos anos e você se cria num ambiente que eu me criei, que era absolutamente protegido – colégio interno, universidade de elite e tal – muito, muito protegido; então, chegando lá e vivendo naquelas aldeias e enfrentando aquela... para mim, era uma espécie de batismo político, porque eu nunca tinha visto um sistema político realmente nojento. Então aquilo tem um efeito incrível sobre mim. Incrível, incrível. E quando voltei para a Inglaterra tudo parecia morno, tudo parecia cinza, não achava nada interessante; as brigas das pessoas não me comoviam nem um pouco – não me comovia se um motorista de

ônibus ganhava dez *pounds* ou doze *pounds*. Era uma fortuna em comparação com aquele povo de lá. Então foi muito difícil, muito, muito difícil.

C. C. – Mesmo com a agitação de 68?

P. F. – É. Mas já tinha passado. Ou estava passando... Não. Passou por... Engraçado isso. Eu fiquei pensando. Na minha universidade, não passou. Passou na London School of Economics. O meu contato com isso foi em Paris. Engraçado. Que nós fomos, eu e [INAUDÍVEL], nós fomos num seminário organizado pelo Bastide, sobre possessão, e lá conheci Michel Leiris. Mas onde eu dava aula era muito alheio. Então... Eu acho que sofri, talvez, os efeitos... Mais importante eram os Beatles, naquela época, de que... Eu lamento dizer. Mas eu era completamente alienado dessas coisas. Até vir para o Brasil.

C. C. – Você gostava dos Beatles?

P. F. – Adorava os Beatles. Eram únicos. Gostava. Mas eu sofri muito. Eu era de uma geração que se você gostava de tocar piano, de tocar Mozart, Bach e companhia, você não deveria gostar da música popular, então foi sempre muito difícil. Até hoje. O que mais você quer saber? Estou falando muito.

C. C. – Mas aí você volta à África, para o Zâmbia, não é, em 69?

P. F. – Não. Voltei para Zimbábue. Quando? Não. 89.

C. C. – Em 69, bolsa de seis meses, com os Shona.

P. F. – Ah! É verdade, sim. Meu Deus, em Zâmbia. Eu tinha me esquecido disso. Consegui um dinheiro para fazer isso. Era uma vergonha para mim, porque aquilo...

C. C. – Só que os Shona eram protestantes.

P. F. – Eram protestantes, sim. Puxa. Vocês são bem informados. Eu achava que era muito interessante ver essas... Pois é. Eu batalhei uma bolsa, batalhei uns metros de filme também. Eu não sei onde está esse filme.

C. C. – Pois é. O filme *Day of rest*. Você não tem?

P. F. – É. É bonitinho. Devo ter em algum lugar. Não sei. É vergonhoso, não é? Não cuidar dessas coisas. Eu nem sei onde é que estaria. Um amigo meu que tinha comprado uma máquina para fazer um filme em Camarões. O primeiro dia da filmagem, a máquina caiu num

rio, aí ele voltou com o filme, mas sem a máquina. Disse: “Peter, se você vai para África, se você quer fazer um filme, basta você comprar uma máquina.” Comprei uma máquina 16 mm. Bell and Howell, de três lentes. [riso] Uma coisa impressionante. Não sabia, nunca tinha feito nada na minha vida. Fui lá na escola de cinema e perguntei como é que eu faço? “Mas quanto tempo você tem para aprender?” – “Nenhum. Uma semana.”. “Bom. São três regras: nunca faça um *take* de menos de dez segundos; não faz *panelling*, nunca; e não use o zoom.”. disse: “Não, não posso, porque não tenho.”. “E tente não usar a teleobjetiva, sempre use a grande angular. É melhor você chegar perto das pessoas, e ficar longe das pessoas assim.”. Ficou bonito mesmo o filme que eu fiz. Porque esse pessoal era membro de uma igreja que nós chamamos de neopentecostal agora; naquela época, era uma igreja sincrética, com danças maravilhosas. E meu argumento, evidentemente, que era bastante weberiano, que esse pessoal todo, protestante, no meio de um lugar sem muita missionização, acumulando, fazendo business, eram excelentes farmeiros. Igualzinho aos brancos que ensinaram eles. Só que, lá na Rodésia, não tinham terra para fazer nada; quando chegaram na Zâmbia, conseguiram a terra que precisavam. Era isso que eu fiz. Mas eu nunca escrevi sobre isso. Uma vergonha. Por isso que eu esqueci. A única coisa que eu tenho é o filme, que nem sei onde anda. Deve estar em Barra de Guaratiba. Eu não sei.

C. C. – Mas essa aproximação com o tema da religião, da possessão, em particular, a produção africanista em antropologia tinha: parentesco, política e religião, principalmente. Esses três temas.

P. F. – É. A religião. Quando estudei lá, esse estudo que eu fiz, o tal Jaap Van Velsen, ele insistiu que eu não pesquiasse sobre religião. Ele disse: “todo mundo que estuda esse grupo acaba escrevendo sobre religião.”. “Isso já era”, ele disse, “você tem que estudar migração de mão-de-obra.”. Então eu comecei a fazer isso. Mas era horrível, porque eu tinha que perguntar às pessoas questões que eles não queriam responder. Isso, numa época de intenso conflito político; então tive que desistir. E tudo começou a mudar por causa de duas coisas, que eu acho que são importantes contar talvez. Não preciso fazer apologia da antropologia aqui, Celso, mas... A coisa da antropologia é a descoberta. É quando você se coloca numa situação onde você aprende aquilo que você jamais poderia imaginar. Então foi isso que aconteceu. Em primeiro lugar, eu evitava os rituais dos antepassados, porque me disseram que não era para escrever sobre aquilo. Uma vez, eu fui levado, os meus vizinhos me levaram e me botaram

nessa casa, e era de noite - uma casa redonda, de terra batida, terra, estrume de vaca, não é, fica duro - fogo no meio, e todo mundo fumava naquela época, e eu fumava, e a gente rolava cigarro de tabaco em papel de jornal, e eu achava... Porque eu levava Malinowski a sério, eu achava que tinha que viver exatamente igual às pessoas, então, estando lá, eu aprendi a fazer isso. Fumava muito. E o calor intenso, as pessoas batendo no chão, e muita poeira e tal; e fumando, fumando. E de repente, o primeiro deles caiu em transe. Eu nunca tinha visto ninguém cair em transe. Fiquei impressionado assim... Acendi um cigarro. Por quê? Porque logo... Bom. O espírito, o antepassado tinha um *knobkerrie*... Como se chama isso, Guilherme? Aquela coisa com bola.

G. M. – Aquele pau do...

P. F. – É, é um pau, mas com uma bola no fim. Em inglês chama-se *knobkerrie*. Não sei como é. Em Moçambique vocês devem ter essas coisas [vara do estrondo, vara do ar]. Bom. E a coisa caiu em cima da minha testa, porque o espírito jogou em cima de mim. Aí, aprendi que os espíritos não gostam de fumaça de cigarro. Mas eu nunca mais voltei a essas sessões, até que aconteceu o seguinte. O meu assistente de pesquisa, que era um professor, o nome dele é Kenneth M'Panduki, começou a ter uma série de... eu chamei de alergias, e eram alergias mesmo. Ele não poderia mais comer utsua [chima]. Como se diz em português isso?

- Aqui, chama angu.

P. F. – Tipo angu. Mais denso. Não podia comer angu de milho, apenas de prapuco, que é uma semente africana mesmo, não podia comer pão branco, só pão marrom, e uma série de outras coisas. E cheiro de cerveja, não podia, cheiro de cigarro e tal. Tudo isso fez com que nós tivéssemos que andar separados. Eu achava que era uma técnica dele, continuar ganhando dinheiro sem me ajudar nada, mas enfim. Porque a situação política era dramática, e ele, andando comigo, era acusado de vendido. Bom. Só que o que estava acontecendo é que ele estava passando por um processo de receber um antepassado, então... Aí eu me dei conta que várias pessoas estavam, da mesma faixa etária, da mesma... pessoas mais educadas, inclusive, já estavam recebendo os seus antepassados. Eu me dei conta que era, de fato, um movimento. Aí eu consegui convencer meus professores de que era sobre isso que eu deveria escrever. E foi isso que eu fiz. Eu não poderia colocar em minha tese tudo o que eu queria, porque... Você sabe que os brancos chegaram na Rodésia em 1890. Em 93, os [mandebeles] do sul se revoltaram; em 86, os machona, da parte norte do país, se rebelaram. Depois de duas semanas,

mataram cento e poucos fazendeiros brancos. Ninguém entendia como eles conseguiram articular essa rebelião numa área tão vasta. Era uma área bastante vasta. Por quê? Porque era uma sociedade organizada em pequenininhas chefias. Não havia nenhuma autoridade maior. E ninguém entendia como era possível fazer a concatenação dessa rebelião. Até descobrirem que eram os xamãs, os que recebiam os antepassados, que tinham uma rede de relações subterrânea, que o poder operante não entendia. E para mim era óbvio. Se tivesse uma guerra no Zimbábue, eram esses que iam desempenhar o mesmo papel. Que de fato fizeram. E tem um livro muito melhor que o meu sobre isso, do David Lan, chama-se *Guns and Rain, Fuzis e Chuva*, que é a relação entre os xamãs e a organização da rebelião, da revolta, da guerra de independência. E ele era importante também em Moçambique. Muito. E, sobretudo, de Renamo [Resistência Nacional de Moçambique] contra Frelimo [Frente de Libertação de Moçambique].

C. C. – Você disse que não escreveu, mas você fez um filme, não é? Quando você estava com os Shona?

P. F. – É.

C. C. – Mas aí você aprendeu português também.

P. F. – Não. Depois.

C. C. – Por que você aprendeu?

P. F. – Por que eu aprendi português. Não. Eu aprendi português porque... Bom. É uma história que eu conto para todo mundo. Quando estive lá – eu vou chamar de Rodésia, que era Rodésia mesmo, - numa páscoa, eu fui convidado a passar uma páscoa numa missão, na fronteira entre Zimbábue e Moçambique. Vocês não podem imaginar a beleza dessa.... Você conhece? Avumba. É uma das áreas mais lindas que eu conheci. É montanhoso, completamente... tem pouquíssimas pessoas que lá vivem, e é fronteira entre Moçambique e Zimbábue. Tem umas fazendas pequenas e tal. Em uma missão. Então eu fui lá. E tinha dois alunos de graduação africanos, da universidade, que foram comigo, que me levaram nessa missão. E ficamos um dia na missão. Depois, nós três tivemos um ataque de aborrecimento. “Não vamos ficar aqui. Vamos sair?” – “Vamos.” – “Vamos para Moçambique?” – “Vamos!”. Bom. Deve ter sido fácil atravessar a fronteira. Atravessamos. Eu tinha um carro, um velho Peugeot 302, mas era uma espécie de van. Atravessamos a fronteira à tarde. E fomos andando, andando, paramos em Chimoio. Chamava-se Vila Pery, na época. Paramos e fomos num bar

para tomar refrigerante. Entramos no bar. E o bar... era coisa que eu nunca tinha visto em Zimbábue... perdão, Rodésia, porque era cheio de gente negra, mestiço, branco, estava todo mundo comendo, juntos. Ficamos felicíssimos. O que é isso? Que maravilha, não é. Aí vimos que estava todo mundo falando em português, inclusive os mais pretos com os mais pretos; coisa que na Rodésia era impossível. Juntos, os negros não falam, até hoje, não falam inglês. Aí ficamos com... A colonização portuguesa - que é muito ruim; que essas pessoas são alienadas, não conseguem mais falar suas línguas tribais; que... Achamos muito ruim. E começamos a xingar os portugueses por terem roubado essas pessoas da sua língua. Continuamos a viagem. E chegamos em... na Beira. Só que era noite. E no que nós vamos chegando na Beira o freio do meu carro pifou, então tive que dirigir com o freio de mão. Muito perigoso. Aí disse assim: “temos arranjar um jeito de parar e dormir em algum lugar”. Aí entrei numa estrada de terra assim... Parecia mato. Parei o carro. E dois dormiram atrás e um na frente do carro. Eu dormi atrás. Nunca mais esqueço. [riso] Acordei *assim*, de manhã. Eu olhei e eu vi, na janela de trás do carro, uma família honesta portuguesa inteira: avós, pais, filhos, tudo. Parecia retrato de família. Eu disse: “Meu Deus do céu! Eu vou preso.”. Porque, em Zimbábue (Rodésia), você não poderia dormir perto de alguém... As ditas raças eram segregadas, não é. E a pior coisa que poderia acontecer, dormir no mesmo carro. Um caso de polícia. Aí... Meu Deus do céu. Aí saímos assim, meio cheio de sono... Eu não falava português e eles não falavam português. Mas os portugueses falam uma coisa estranha. Chama-se [*chilapa-lapa fanicalô*], que é a língua que se fala nas minas da África do Sul. Uma espécie de *pidgin*, entre africâner e zulu. Então era possível explicar para eles o que tinha acontecido. E a família foi simpaticíssima. Nem pestanejaram, eles foram ajudar: consertaram o freio, nos deram café de manhã. Quer dizer, se isso tivesse acontecido na Rodésia, não sei o que teria acontecido. Mas eles foram gentis conosco. Aí fomos até a praia. Aí resolvemos entrar no mar. Era cedo ainda. Mas ninguém tinha trazido fato de banho porque ninguém imaginava que íamos chegar a beira mar, então entramos como a natureza nos fez, nós três. No que fizemos isso, deixamos as coisas embrulhada, na praia, aí chega uma família honesta portuguesa... Igualzinho o Brasil. Em vez de ficar longe, todo mundo gosta de ficar perto, não é isso? Tivemos que ficar na água o dia todo, meu amigo, porque não havia como sair da água. Bom. A história é verdadeira, você acredita se quiser. E voltamos. Aquela experiência curta, de um dia, me acendeu uma curiosidade imensa. Evidentemente, as pessoas que nós encontramos em Chimoio também falavam *cishona*, quer dizer que era a mesma área cultural. Na Beira também. Chama-se ndau,



mas é a mesmíssima língua. E a cultura é mais ou menos parecida. Mas a diferença das pessoas era tão radical que só poderia ser devido a colonizações distintas. E eu já tinha visto situações em Harare, que me chamava muito a atenção. Havia um bar em Salisbury, agora Harare, chamava-se *The Federal*. Era um lugar também, desses poucos lugares em que pretos, brancos e mulatos poderiam conviver. Eram pouquíssimos lugares. Esse era um. E esse era muito especial. Que recebia bandas de toda a zona: da África do Sul, do Zimbábue, Zâmbia, e também do Congo. Quando veio o pessoal do Congo, era um estouro, não é, porque eles eram todos elegantíssimos. Igualzinho os franceses em relação aos ingleses. Então, os que sofreram uma civilização britânica eram simpáticos e tal, mas mal-vestidos, meio assim, sem jeito, muito sem graça. Os que sofreram uma colonização francesa, elegantíssimos. As mulheres assim... completamente endoidecidas, à vontade. Eram *latin lovers*. Estavam lá. Então resolvi falar português, para um dia, quem sabe, quando todas as guerras acabassem, eu poder voltar e comparar. Aí fui conhecer Lisboa, Porto, nas férias de verão. Peguei meu carrinho, fui lá. Cheguei no dia de São João, no Porto. Imagina. Foi fantástico. E me apaixonei pelo Portugal, até hoje. E eu acho que tinha uma coisa muito interessante. O Portugal que eu conheci era o Brasil que eu conheci, porque era Salazar. Mas sendo jovem, naquela época, tinha vinte e poucos anos, eu, imediatamente, fiz amizade com os mais jovens; e havia toda uma cultura de oposição à ditadura, que era muito acolhedora e muito criativa, muito engraçada. Havia um lugar para tomar café, em Lisboa, que só tinha... Evidentemente os militares sabiam. Chama-se A Brasileira. Você deve conhecer. A gente tomava bicas, horas e horas, tomando uma bica de café, falando mal do governo. Então adorei Portugal. Aí eu acabei me instalando numa aldeia. Chama-se [Ervo]. Eu fui fazer um curso em Coimbra, de português. E me inscrevi no curso... Lá fiz um grande amigo, que até hoje eu tenho. Chama-se John Gladson. Depois do Roberto Schwarz, é o que mais entende de Machado de Assis. Deve estar chegando aqui. Mas o John, naquela época, escrevia sobre Drummond. Estava lá em Coimbra também, na universidade. Eu me inscrevi nesse curso e... Agüentei dois dias. Porque era assim: vogais... *[faz um som da fonética]* Um velho professor. Abandonei. Perguntei onde se falava o português mais castiço. Me mandaram para Beira Alta. Então peguei a estrada, parei num posto de gasolina... E lá, as pessoas eram muito curiosas porque... um carro inglês, do meio do nada... Era um carro descapotável, como eles chamavam. O velho Morris Minor descapotável. Aí o cara que veio conversar comigo, eu disse que estava a procura de uma pensão não muito cara, num lugar em que eu poderia aprender a falar, ele disse: “Siga-me.” Aí fui atrás dele. Era a

mãe dele, dona Regina, que regia uma pensão. Pensão Jerônimo. Um lugar idílico, no rio Alva. Lá fiquei, aprendi, aprendi a falar mais ou menos. E foi assim que deu a minha curiosidade pelo Brasil; mas era apenas uma curiosidade à distância. Mas foi essa curiosidade que me fez vir aqui, porque eu... Eu já escrevi sobre isso mas... Um brasilianista, Peter [INAUDÍVEL] que estudava os índios tiriós, lá em cima, foi dar uma palestra na minha universidade, eu não fui, estava muito deprimido, muito, muito, mas fui tomar uma cerveja com ele depois, pedir desculpas. Aí perguntei se era possível dar aula no Brasil. Ele tinha acabado de receber uma carta do Edmund Leach, que tinha recebido uma carta de Claude Lévi-Strauss, nada menos, procurando pessoas para dar aula num lugar chamado Campinas. Ele diz assim: “Eu não sei onde é esse Campinas. Deve ser algum lugar ao sul do Rio de Janeiro.” – falou assim. Como se não existisse nada de bom, nesse país, ao sul do Rio de Janeiro. Que, aliás, ele tinha um pouco de razão. E então... assim foi, assim se deu. Cortei cabelo, botei um terno e fui falar com o cônsul do Brasil em Londres, Ovídio Melo. O mesmo Ovídio Melo que mais tarde vai fazer o governo brasileiro militar reconhecer a independência de Angola. Mais tarde que descubro que é de esquerda brasileira. Mas eu não entendia dessas sutilezas brasileiras na época, que poderia haver um embaixador comunista no meio de um governo militar. Isso não...

C. C. – E o que é que você conhecia do Brasil? Que imagem, que informações você tinha?

P. F. – Sabe, Celso, eu não sei que imagem que eu tive do Brasil. Eu, na minha imaginação, o que me dava vontade de vir aqui é que achava que combinava os dois lugares do mundo que eu tinha mais gostado, que era Portugal e África. Então eu... eu achava que ia ser assim. Eu suponho que aquela vaga memória de Moçambique também deve ter me influenciado. Então imaginava um lugar que combinava essas duas coisas. De fato, não estava tão errado. Não estava muito errado. Eu estava errado porque Campinas... mais ao sul, não é... Mas mesmo Campinas. Comecei a estudar macumba, não é, que eu achava que era lá que eu ia encontrar essas... Também, era muito preguiçoso. Eu já tinha lido tudo o que tinha que ler sobre religiões e possessões na época, então não precisei desbravar nenhuma teoria nova... Mas foi bom ter feito aquilo. Foi uma bela introdução ao Brasil. E quando você estuda macumba você, automaticamente, sai da universidade; mas você, sem sair da cidade, você... você sai mesmo, e fica conhecendo um pouco a diversidade do lugar.

A. G. – Peter, você menciona no Memorial que assistiu *Orfeu Negro*. De que forma isso lhe marcou?

P. F. – É. Não sei. *Orfeu Negro*, eu achei um luxo e eu... Eu coloquei no Memorial foi? Às vezes, eu penso que posso ter plantado uma semente, porque... Eu vi no colégio. A gente tinha filmes, nos domingos, domingo à noite. E os filmes terminavam, e sempre tinha a mesma música, que eles tocavam, [*cantarola*] e a gente sabia que a aula do dia seguinte, às sete horas, era latim. Mas... Não. Eu cheguei a pensar se não plantou uma coisa. Era um filme... Eu lembro aquele filme como sendo um filme altamente sensual também. Altamente sensual. Embora não seja um filme sexy, por assim dizer, é altamente sensual. Isso deve ter tido também um efeito sobre mim.

C. C. – Mas aqui, 1970, quando você chega, é o auge da ditadura militar.

P. F. – Auge da ditadura. Que eu não tinha noção. Eu estive agora com Verena, que veio comigo, Verena Stolcke, que era Martinez-Alier, passei uma semana com ela lá. Eu disse: “Verena, sabíamos que?...” Disse: “Claro que sabíamos. Mas não sabíamos a extensão da coisa.” Bom, ela me deu um certo alívio porque, se ela não sabia, eu não era tão ruim assim, porque ela tinha todas as credenciais políticas necessárias: pesquisou em Cuba, era mais marxista que... não era? Era bastante. E se ela não sabia, então... ninguém sabia. Eu acho, eu suponho, Celso, que os meios de comunicação eram muito eficientemente controlados mesmo. E também, sobretudo, porque... como é que poderia ser tão ruim, se tinha um embaixador... que eu, depois, descobri que o embaixador teria escrito para o Fausto Castilho -, que era o chefe do Instituto lá em Campinas, filósofo -, dizendo que tinha encontrado comigo e com Verena, que achava que éramos politicamente aceitáveis. Ou seja, deve ter achado que não éramos de extrema direita. Isso, suponho. Pouco sabia ele o que ele estava fazendo. Mas enfim... Então é isso.

C. C. – E o ambiente Unicamp? Na antropologia, havia já o Museu Nacional, mas era recente a pós-graduação. 68...

P. F. – No Museu Nacional tinha mestrado.

C. C. – Mestrado. E a UNB e Campinas foram...

P. F. – Não tinha começado. Campinas... Estava começando? Quando é que foi o Roberto Cardoso para Brasília?

C. C. – 72, eu acho.

P. F. – 72? Então era depois. E o Fausto nos mandou abrir um mestrado lá, 72, 73 – não me lembro que ano. Que parecia ridículo, porque tínhamos acabado de começar a graduação, só tinha nós três lá – Antonio Augusto, Verena e eu – e era uma situação muito, muito esdrúxula. E quem dominava aquela situação era o João Manuel Cardoso de Mello. Eu disse: “João Manuel, é impossível abrir um mestrado.” – “Não, Peter, você não entendeu nada. Aqui no Brasil, a gente começa com a pista de pouso, depois vêm os aviões.” Falou assim mesmo.

C. C. – E as tendências teóricas dominantes. Ou marxismo, que...

P. F. - [risos] Estruturalismo.

C. C. – Ou estruturalismo. Para um antropólogo da tradição britânica...

P. F. – Pois é. Era horrível, Celso. Horrível. Porque...

C. C. – Empirista.

P. F. – Total. E aquele instituto, o Fausto tinha mandado todo mundo estudar matemática na França, por causa do estruturalismo, e lingüística. Tanto é que o curso básico da Unicamp era lingüística, matemática etc. e tal. Não. Era muito estranho. Porque o estruturalismo chegou na Inglaterra e foi modificadíssimo, não é? Então nós éramos... Horrível. Além do mais, eu nunca tinha existido num instituto de ciências sociais, eu sempre tinha vivido com os antropólogos. Muito mais fácil, não é. Uma bibliografia mais ou menos restrita, que você dominava. De repente, Althusser... E, se você não lia, você não poderia conversar com os amigos. Era horrível. Eu me senti realmente mal, empirista; e, nessas situações, também me senti também muito feminino. Estou usando metaforicamente, não é? Porque João Manuel era um imenso... [faz um som] Sabe? Essa coisa paulistana? E eram muito machos, muito, muito. Eu me senti muito feminino. E muito vulnerável, de fato, e empirista... não – pequeno burguês também, nos chamavam de pequenos burgueses. Mas como éramos três, não era grande problema. E tinha pessoas que... por mais que havia essa... que vinha, basicamente, das ciências econômicas, da ciência política, nem tanto a sociologia... E havia muita gente jovem naquela época. Era uma coisa muito, muito boa. E muito brasileiro que tinha saído, digamos em 67, 8, para estudar em Paris, sobretudo, estavam a voltar, e Campinas recrutava essa gente. Então era um ambiente maravilhoso para nós. Social, era um ambiente fantástico. E como havia toda essa... Nós nos sentíamos... assim, sob a mira do exército brasileiro, [riso] então, havia muita

solidariedade; e muita festa, muita música. Eu aprendi a cozinhar muito nessa época. E também, a revolução sexual estava em pleno andamento, então as pessoas viviam não muito convencionalmente, e... muita roupa indiana, muito arroz integral, muita maconha. Isso, no meio da ditadura militar, é muito incrível.

C. C. – Você naturalizou-se brasileiro nessa?...

P. F. – 82.

C. C. – Como foi essa decisão? Foi difícil?

P. F. – Não. Foi uma decisão... Houve um surto de xenofobia. Era Geisel, não? 82. Não.

C. C. – Figueiredo.

P. F. – Figueiredo. Houve... De vez em quando o Brasil tem esses surtos, não é. E eu tinha me envolvido com a *Lampião*, aquela revista, e eu tinha sido identificado na polícia; então, era uma coisa que me dava muita insegurança. Imaginava então, se alguém não gostasse de mim, era fácil me jogar fora. E eu pensei: Não. Eu vou sair daqui quando eu quero. Foi mais ou menos essa decisão. E também, naquela época, ou até hoje, se você não é brasileiro, é quase impossível dar aula. Eu penso. Se você obedece às regras, é impossível você dar aula num instituto de ciências sociais, porque você não pode falar de política. Sabia disso? Então, eu achava que era mais seguro, eu me naturalizei. Então, procurei um advogado, e fiz tudo, e logo saíu. Em 82. Devo ter entrado em 81, suponho, com os papéis, porque demorou um pouco. Não. Foi uma decisão muito... Uma decisão. E também pensei, já estou fazendo carreira aqui, não vou voltar para a Inglaterra. É melhor eu ser cidadão. Posso falar o que eu quero, posso votar... O problema é que não posso votar, *devo* votar. É isso que... Foi essa decisão.

C. C. - Você mantinha relações ainda com a Academia Britânica.

P. F. – Pouquíssimo, Celso. Não. Eu fugi de lá. Eu acho que é uma característica minha, que não é muito boa: é o tipo que sai de um casamento, esquece totalmente do primeiro. Existe esse tipo de gente, não é isso? Eu sou assim. Não nos casamentos. Lembro de tudo. Mas eu sou um pouco assim. Mudei? Mudei. Então, eu saí de lá, é como se não existisse. Eu acho que é uma coisa meio patológica mesmo, estranho. Só bem mais tarde é que eu vou recuperar os contatos. Muito mais tarde. Agora mesmo. Mas eu fugi de lá como o diabo da cruz. Não gostava da minha família, minha família não gostava de mim, já tinha adquirido uma madrasta que não

gostava de mim, então... não havia muita razão de gostar da Inglaterra. E mesmo os amigos mais próximos, eu não mantive. Ao menos um. Esse da escola, do colégio. Esse eu mantive sempre, sempre. Eu acho que também é um pouco de insegurança minha, talvez.

C. C. – E nessa época, o ambiente da antropologia dividido entre Campinas, Brasília e Museu Nacional, que eram os três programas de pós-graduação, como era a divisão e o relacionamento entre os três programas?

P. F. – Bom. Nós tivemos muito mais contato com USP. Muito mais, porque era do lado, então... Eunice Durham e a Ruth Cardoso, periféricamente, João Batista. Mas as duas eram fundamentais para nós e eram nossos interlocutores sempre. Nós participávamos dos debates lá na USP e em Campinas. O Museu, tivemos pouco contato, no início. Brasília, muito menos ainda. Era muito longe. Naquela época, era muito ônibus também, ninguém tinha dinheiro para andar de avião. E quando vim para o Rio vim de trem. Como se chamava? Flecha de Prata. Ou Sodoma, era o outro nome desse trem que saía de São Paulo vinha para o Rio de Janeiro. E o nosso contato com o Museu foi, basicamente, com Roberto DaMatta, porque o Roberto ia dar aula lá em Campinas; e Francisca Vieira também, que vinha dar aula lá em Campinas, para nos ajudar. E Gilberto. Gilberto era aluno da Ruth. Tanto é que eu estive na defesa da tese de doutorado dele, como estive na da Ruth, da própria Ruth também. A Eunice... Quando nós chegamos, pouquíssimas pessoas tinham doutorado, por isso que não era difícil vir para o Brasil, conseguir visto, esse tipo de coisa, porque não havia. Havia, no Museu, havia o Roberto, a Francisca, o próprio Moacir veio depois. É. Lígia veio depois.

C. C. – Otávio.

P. F. – Otávio já estava. Acho que já tinha voltado de Manchester. E Brasília, conheci bem depois. O nosso contato foi assim, muito esporádico. E... Bom. Evidentemente, o Museu era... mesmo naquela época, o Museu era o lugar de fazer antropologia. Mesmo naquele momento, era o lugar para fazer antropologia.

[FINAL DA FITA 1]

P. F. – [INAUDÍVEL] Não. O segundo. Sobre umbanda. C. C. – *Day of rest?*

P. F. – Não. Esse aqui, fui eu que fiz tudo. Som. Tudo. Tudo fiz eu. Não, não. O outro... A minha idéia de documentário é você estar lá com a câmara na mão. E não foi assim. Porque era Granada Television. Granada Television, naquela época, era dominada pelos sindicatos, e o sindicato tinha regras absurdas, que, depois de xis horas, dobrava o custo; então, era impossível a liberdade de fazer qualquer coisa, você tinha que planejar tudo. Aí o resultado: o filme é parado, sem graça, não tem sentido. Horrível. Tenho muita vergonha. O segundo foi mais bem planejado. Também tivemos o mesmo problema. E houve um problema mais grave ainda, porque o cineasta... que está aqui no Brasil – chama-se Carlos Passini, é muito amigo meu. E o Carlos tinha tido uma idéia genial. Ele ia usar lentes diferentes para a vida cotidiana e para o carnaval. Só que na revelação do filme, alguma coisa aconteceu, se perdeu toda essa sutileza, infelizmente. Então a grande inovação estética do Carlos dançou. Mas o filme é legal, porque... O início é incrível, porque é o início de Olodum. Porque nós queríamos fazer um filme sobre carnaval, eu quis mostrar a diferença entre classes e cores na Bahia, que foi isso que mais me chamou a atenção na época. Porque você tinha os blocos internacionais – que pode ser comprado para alguém ouvir – mas, internacionais, já é da classe média alta, então era muito mais branca, por assim dizer, branco; e tinha os blocos afro, que estavam começando. Que era Ilê Ayê. Mas achei que Ilê Ayê já era um clichê. E o Carlos achava que fazer um filme no Pelourinho era melhor, para uma platéia européia, porque eles iam se familiarizar facilmente com a arquitetura. Então fizemos isso. E como eu era amigo – como sou ainda – do Vivaldo da Costa Lima, que naquela época dirigia o Patrimônio Histórico da Bahia, ele me pôs em contato com o Olodum, especificamente Zé Carlos, que era escriturário para ele no IPAC. Então Zé Carlos, que era um dos diretores do Olodum... Olodum era recém-nascido. O Olodum era fantástico. O Olodum...

A. G. – Em que ano era isso?

P. F. – 82. Olodum é... é do Pelourinho, então era cheio do que você gostava, eu gostava. Pessoas assim, muito... travesti... Pessoas da contravenção urbana, vivendo lá no Pelourinho, então era um lugar muito divertido, muito, muito divertido. Mas nasceu um bloco afro, então... também tinha isso. Que era muito engraçado. [riso] E eu vi aquele bloco nascendo, e o bloco é *business*. Eu fiquei sabendo que agora tem donos e tal. É *business* mesmo. E Zé Carlos com milhares de pares de sapato, etc. Etc.étera. Posso tomar água?

C. C. – Pode. Pode beber à vontade.

P. F. – Era isso.

C. C. – Deixa eu te perguntar, Peter, sobre a sua mudança para o Rio. Em 83, saiu de Campinas e veio para o Rio de Janeiro, ser professor visitante no Museu Nacional. Por que essa mudança?

P. F. – Foi. Campinas... Não. Isso é um pouco difícil falar. Campinas... Eu nunca gostei da cidade de Campinas. Tanto é que eu aluguei um quarto em São Paulo para passar fim de semana. Não gostava de Campinas. E quando o Departamento cresceu, lá em Campinas, cresceu de uma forma que não me agradou muito. E eu morava em Campinas, mas os meus colegas, a grande maioria morava em São Paulo, então eu me senti... Eu senti que eu estava segurando a barra de todos. E quando... Não gostava. Também, quando o Departamento cresceu, começou... picuinhas, esse tipo de coisa, e eu não gostava nada. Então, quando me convidaram para passar dois anos no Museu, achei que era uma ótima oportunidade de escapar e vir para o Rio. Eu sempre gostava do Rio de Janeiro. Foi o primeiro lugar que parei com o navio que me trouxe aqui, parou no Rio. E foi assim que se deu. Em 85, terminou o meu período de professor visitante, e veio o meu velho amigo Bruce Bushey para dirigir a Fundação Ford, no Rio, e queria que eu ajudasse. O que eu fiz. Então fiquei lá na Fundação. Aí fiquei lá. Fiquei até 89, no escritório da Fundação Ford, no Rio. Aí, 89, consegui voltar para a África, para Zimbábue, onde fiquei quatro anos.

C. C. – E essa experiência na Fundação Ford como foi?

P. F. – Olha, eu acho que foi o período mais... absolutamente definitivo para mim. Porque... veja bem, saí da Inglaterra, fui para a África, voltei para a Inglaterra, vim para Campinas, quer dizer que era uma espécie de afastamento do mundo. O Rio, já bem mais cosmopolita que Campinas; mas a Fundação Ford é cosmopolita por definição. Então, era um reencontro com o mundo, muito mais amplo, um mundo que eu desconhecera antes. Então foi... Foi fantástico! Uma visão de mundo que eu nunca... Eu sou absolutamente grato. E também me dei conta de que eu gostava de trabalhar num escritório que funcionasse, eu gostava de tomar decisões rapidamente e gostava de escrever coisas sem ter que colocar nota de rodapé. E gostava de analisar situações com uma certa rapidez. Era... Eu gostava. E também gostava de aplicar o meu próprio juízo sobre instituições, projetos, pessoas. Eu gostava. Então foram anos inesquecíveis, de fato. E conheci o Brasil, que não conhecera antes, muito, muito bem. E



como a Fundação Ford, na época, tinha relações com quase todo o Brasil, eu tive direito, o privilégio de conhecer esse monte de gente, que, até então, não conhecera. E foi...

C. C. – Bom. A Fundação é uma agência... quer dizer, políticas de intervenção social, diferente do ambiente acadêmico, da produção de conhecimento. Mas você lidou bem com esses dois ambientes?

P. F. – É. Sim e não. Há dois tipos de intervenção que a Fundação faz. Uma intervenção, que me senti absolutamente à vontade, era o financiamento dos indivíduos e dos projetos de pesquisa. Isso, me senti absolutamente à vontade. As intervenções de projetos no... de incremento de renda, esse tipo de coisa, nunca tive nada a ver com isso, não entendi, não gostava. Mas eu achava que era sempre dinheiro mal gasto. Porque o dinheiro bem gasto, eu achava que era o dinheiro investido na inteligência, tanto aqui, no Brasil, como na África. Porque era uma maneira de você ajudar a crescer a massa crítica, capaz de efetuar grandes mudanças numa sociedade. Eu achava que esses pequenos projetos – são muito simpáticas, as senhoras fazendo crochê e vendendo e tal... Sim e não, não é, porque... Mas, mesmo aqueles projetos, me dava um desespero, sobretudo na África. O primeiro que eu vi era de senhoras, em Pernambuco, produzindo coisas horríveis – era uma espécie de tapetes assim, que ninguém comprava, então... Milhares de tapetes. E essas senhoras estavam se pagando com o dinheiro da Fundação; e ficaram com mais dinheiro no bolso, - essa é a época de empoderamento das mulheres - mas, todas elas ficaram tão poderosas que perderam os maridos. [riso] Os maridos ficaram no escanteio. Eu achei que este tipo de engenharia ninguém deve fazer. Eu achava mesmo. Até hoje. Então... Não. Não gostava disso. Não gostava. Mas eu, você sabe, eu defendi as minhas posições na Fundação. Eu tiro meu chapéu para aquela Fundação, porque me deixaram criticar, me deixaram chamar a atenção, nunca me repreenderam. Acho que por causa daquele *amendment* que eles têm lá na Constituição, que a liberdade de expressão é muito cara para eles, muito cara, e me chamaram de oposição leal. Eu adorava a Fundação. Gostava, gosto até hoje. Mas, *essas engenharistas*, eu achei difíceis. Então, foi sorte minha, porque, quando fui para a África, eu era responsável pelo programa em Moçambique... Você sabe que a Fundação, na época, tinha direitos humanos, que eu gostava... Ah! Essa é outra área que me senti bem. Eu achava. Tinha coisas legais. Em Zimbábue, sobretudo, porque tinha lá pequenos grupos – coitados, tentando resistir à idiotice daquele governo, estão lá assim... pessoas de bem mesmo, sofrendo, e acuados, muitas vezes. Aquele dinheiro ajudava muito, muito, manter a chama

acesa de... de decência. A mesma coisa no Brasil. Na época, o Paulo começou aquele programa lá na USP - que agora o Sérgio é dono, que cuida - e veio falar conosco. Eu acompanhava esse processo. E uma vez eu disse para o Paulo: “Paulo, está ótimo”... - Teotônio Vilela que é... – Disse: “Paulo, não é um pouco deprimente, depois desses anos todos, e a coisa continua do mesmo jeito?” E Paulo disse uma coisa que eu não vou esquecer. Ele disse: “Peter, não é se vamos fazer uma coisa ou não vai. A idéia não é essa. A idéia é de manter acesa uma luz, uma coisa chamada decência, em volta da qual as pessoas podem se juntar. Ou não.” Era realista. Eu concordo com ele. Concordava com ele. A mesma coisa na África, mesmíssima coisa. Então me senti bem com aquilo. Moçambique estava no meio de uma guerra civil quando cheguei, então você... eu, por exemplo, poderia estar em Maputo mas não em todo o Maputo, poderia ir para o centro da Beira mas não além do centro da Beira, poderia ir para Quelimane etc. no avião da... como é que chamava?

G. M. – LAM [Linhas Aérea de Moçambique]

P. F. – LAM. Lindo. Eram velhos Boeings. Que nunca...

G. M. – Ou Antanov.

P. F. – Não, não tinha Antanov. Nunca entrei num Antanov, não. Eu cheguei quando já eram Boeings. Eram dois, acho, ou três. E eram muito bem dirigidos. Nunca tivemos nenhum acidente. Bom. Mas era uma coisa absolutamente impossível de fazer esses projetos - de geração de renda, por exemplo. Nem pensar. Nem agricultura sustentável. Nem pensar.

C. C. – Por quê?

P. F. – Porque você não andava no campo. O campo era completamente tomado pela guerra, então você só poderia ficar nas cidades. Aí eu disse para o pessoal lá em Nova Iorque, disse: olha, a situação é essa. Eu acho que a Fundação poderia fazer em Moçambique o que fez no Brasil: ajudar a produzir uma massa crítica de ciências sociais, que, ao longo do tempo, vai ajudar a pensar esse país por si mesmo, em vez de... Concordaram. E então, esse tipo de... me senti absolutamente à vontade, porque as pessoas que ganharam dinheiro da gente, com a Fundação, fizeram concurso, não eram indigitados por ninguém. Isso já era revolução, na época. Porque, naquela época, o governo socialista, em Moçambique, nomeava quem fazia o quê. Chamava-se afetação. Então o Celso, por exemplo, eles... bom, “esse Celso, vamos afetar ele para um lugar de enfermagem”. E você tinha que ir. A não ser que você fosse filho de

estrutura. Aí você poderia. Então, fizemos isso. Algumas pessoas estudaram aqui, outros projetos foram financiados lá mesmo. E a mesma coisa em Zimbábue, consegui financiar bons estudos sobre eleições, sobre... Foi tudo muito incrível, muito, muito incrível. E não me senti absolutamente fora do meu *métier*, muito pelo contrário. Era uma espécie de CNPq, de fato; mas um CNPq com apenas eu e alguns assessores, muito rápido, muito ágil. Em Moçambique, foi o maior privilégio, que jamais tive. Zimbábue foi um horror. Zimbábue é um horror. Zimbábue é um país racista. Não tem salvação. Talvez agora vai. Eu não sei. Mas Moçambique foi assim... A primeira vez que eu fui para Moçambique, era amor à primeira vista; e eu fui muito, muito bem tratado lá. Muito bem tratado. E não era bem tratado... salamaleques. Nada disso. Era uma coisa... Eu achei muito verdadeiro. Tanto é que fiz amigos, que até hoje tenho. E também lá, eu chegava em Moçambique, as pessoas me convidavam para jantar! Ou nas suas casas ou no único restaurante que tinha em Maputo. Aquelas coisas fantásticas, de camarão dividido no meio e assado e... E foi lá, então, que voltei a perceber o que tinha visto em Chimoio, aqueles anos todos antes, que havia uma cultura realmente portuguesa, e sobretudo portuguesa, porque era essa que juntava as pessoas da elite, o fato de falar em português, de ler em português, independentemente das suas culturas de origem, é essa o que tinham em comum; e tinham em comum com os estrangeiros. Eu, por exemplo. Então me senti, evidentemente, em casa, porque entendia tudo que todo mundo falava; e era um bom vinho, e bife e batatas fritas.

G. M. – Mas Moçambique teve uma particularidade na colonização portuguesa, que é o problema da assimilação. O falar português era sinônimo de ascensão; e talvez seja por isso que todo indivíduo que tivesse o ensino secundário, tivesse quarta classe, naquela altura, fizesse um esforço para se comunicar em português, era um status.

P. F. – Não. Você nem estudava se não falava português. Nem entrava na escola. Não. Claro. Eu estou falando da elite urbana que eu conheci. Mas não apenas a elite urbana, mas também as pessoas médias urbanas também. Eles tinham os mesmos gostos que eu.

G. M. – Não. Alguns de seus amigos, como os Honwanas, são filhos de um pai que era assimilado.

P. F. – Ah esse? Não. Os Honwana sim, são outro... Os Honwana são lá em cima, deixaram eu me sentir um reles nada, em comparação com os Honwana. Mas a maioria eram pessoas que falavam português com sotaque; ou seja, provavelmente, a primeira geração que fala português bem. Tinha alguns de segunda geração. O [INAUDÍVEL] Mario, por exemplo,

segunda geração. Mas outros que eram primeira geração, que falavam com sotaque, dava para perceber. O Covane. Mas essas pessoas compartilhavam comigo, independentemente do que compartilhavam com a África, compartilhavam comigo o gosto de conversar sobre política, futebol, bife, batata frita e vinho e cerveja, e conversa, muita conversa. Era maravilhoso. Maravilhoso. E era um lugar... Eu fico até emocionado porque, depois do Zimbábue... Vou te dizer. Eu escrevi sobre tudo isso; mas, viver aquilo era uma coisa inacreditável. Porque o Zimbábue era completamente dividido. Você ia no teatro para ver alguma coisa sobre os Beatles, tudo branco; se vai ouvir música africana, tudo preto; vai num certo bar, tudo mulato. Em Moçambique, aquele... Como se... Gol Gol... Como é aquele teatro?

G. M. – Mutumbela Gogo.

P. F. - Fazendo Molière, o *Misanthropo* ... Fizeram isso? Fizeram o falso... como chama? Curandeiro. O falso... *Le médecin*... *Anyway*. Mas você ia ver peça européia, de Molière, traduzido para português, transplantado para uma sociedade africana, muito bem feito, e a platéia – brancos, mulatos, pretos, todo mundo gostando do mesmo jeito, sem nenhum problema. Então eu achava que... Eu, romântico que eu sou, eu achava, realmente, que tinha possibilidade, aquele país tinha possibilidade de se transformar. E acho que eu tinha razão. Porque mesmo quando aparecem os... como é a palavra? Vou lembrar a palavra. Eu via uma certa antipatia, na universidade, entre certos pretos e certos brancos, isso, de vez em quando, aparece; ou contra os indianos, esse tipo de coisa. Isso aparece de vez em quando. Ou o pessoal do sul desconfiado em relação ao pessoal do norte, etc. e tal. Apesar disso, acho que a regra básica é a de convivência. E o cimento disso tudo, de fato, o cimento é o Estado, que é muito fraco, não é? O Estado, e terem compartilhado a mesma colonização, a mesma história e a mesma libertação, a mesma guerra civil, a mesma língua. Porque muita gente fala português. Não é verdade que apenas vinte por cento fala. Não é verdade. Eu nunca estive num lugar em Moçambique que não tivesse uma pessoa, pelo menos, que falasse alguma coisa razoavelmente bem. Os portugueses são muito milagrosos, eu acho. Veja bem, um titico, não é, desse tamanho, consegue... Tem áreas de Moçambique que são muito, muito selvagens. Conhece Niassa? É muito incrível. Você anda em Niassa e você entra na África profunda, onde as senhoras se agacham – assim – de vergonha, para te cumprimentar, mas lá você vai encontrar um professor, um missionário... falando português, comendo bife, batata frita e vinho. [riso] Sabe essas coisas? Vai. Quer dizer, essa coisa que o Gilberto Freyre descreve, através da mulatagem,

sobretudo; casa-se, ou não casa, reconhece os filhos, cria essa massa de gente, que aos poucos vai...

C. C. – Você concorda, então, com Gilberto Freyre, que a grande diferença foi a colonização portuguesa?

P. F. – Acho que ele tem toda razão. Não apenas portuguesa. Ibérico católico. Sim, ele tinha absoluta razão. Não tenho dúvida nenhuma sobre isso. Porque senão é impossível explicar a semelhança e diferenças recorrentes. A única coisa que me deixou apreensivo foi quando Chissano ficou amigo de Mugabe. Acho que foi a única coisa que me assustou. E quando vi que tinha altos políticos moçambicanos ajudando Mugabe. Eu achei muito estranho isso. Eu achava que não combinava com a minha imagem de Moçambique. A minha imagem de Moçambique é que os políticos perceberiam a sua especificidade em relação àquela zona. Mas são subservientes à África do Sul, não são? Quer dizer que a potência da África do Sul é muito grande, é muito avassaladora.

G. M. – Em Moçambique, você contribuiu bastante na criação do mundo da ciência social. E chega a Moçambique nos momentos do Aquino, da Ruth First, do Centro de Estudos Africanos. Como é que lidou com isso? Como é que conseguiu?

P. F. – A Ruth First tinha acabado de ser explodida. Ela não estava. Aquino também não estava. Quem estava lá, quem dominava aquele Instituto de Estudos Africanos era Sérgio Vieira. O coronel. Tive medo do coronel. O coronel sempre foi muito gentil conosco. O coronel é baixinho, e muito esperto. Ele morava numa casa imensa, no Sommerchild. Eu fiquei impressionado. Acho que foi esse contato com os altos... Chama-se estruturas, na época, me chamava muito a atenção, porque as estruturas socialistas viviam nos lugares da antiga burguesia colonial. Isso me chamou muito a atenção. Era uma espécie de... E eram as mesmas pessoas, no fundo, quer dizer que as pessoas bem-nascidas estavam nas estruturas; e as estruturas... Bom. Uma ideologia igualitária, não é isso? – reproduzindo, absolutamente, as mesmas decisões, de outra forma. Então... Isso me chamou muito a atenção. E o Sérgio era muito preocupado... Ele sempre foi muito gentil; provavelmente, porque ele precisava do dinheiro da Fundação. Quer dizer, quando você tem muito dinheiro no bolso, as pessoas são um pouco mais polidas que talvez fossem. Não sei o que ele falava de mim quando se despedia. Mas o que eu vi lá é que tinha uma velha geração e tinha uma nova geração. E quem me ajudou a entender isso foi Christian Geffray, que eu não conheci na época, mas cujos artigos tinha lido

e cujo livro li, aliás, antes de ser publicado. Christian Geffray é francês, antropólogo, que escreve *A Causa das Armas*. Então, *A Causa das Armas* circulou como manuscrito, antes de aparecer como livro. E esse livro... Bom. Denunciou-se a... Bom. Ele chamou o Centro de Estudos Africanos de *o serralho do poder*, como se esses... Ruth First, eram todos assim, prostitutas... Não. Prostitutas não. Concubinas. Deitadas em divãs, esperando para serem beijadas pelo poder. Essa é a metáfora que ele usou nesse artigo. E era um pouco isso, porque era um regime totalitário. O Centro de Estudos Africanos não reconhecia qualquer especificidade cultural de Moçambique, não estava interessado em qualquer língua. Então tinha essa geração ainda lá; mas tinha outra geração, que eu conheci, que era o Covane. Porque a Fundação Ford, ela, na sua sabedoria, mandou Covane estudar, pagou o doutorado dele. E isso fez... Porque ele... Como se eu tivesse pago. Não paguei nada. A Fundação Ford pagou. Mas ele ficou muito amigo meu. Então, através dele, conheci o João Paulo e... o outro, que morreu, o negrinho, como é o nome dele? José? Vou lembrar o nome dele. Era sociólogo. Mas João Paulo Coelho, Borges Coelho, que eu acho, da minha vida, uma das pessoas mais brilhantes que eu conheço. Ele é historiador, sociólogo.

G. M. – Ele fez um trabalho igual ao do Celso, sobre militares também.

P. F. – Também escreveu?

G. M. – Sim. Ele fez o doutorado sobre os militares.

P. F. – É. Porque, na época, eram os historiadores que faziam o papel de cientistas sociais, pensadores. Em geral. Até hoje.

G. M. – Até hoje. Quer dizer, as ciências sociais, até hoje, são dominadas pela presença da história. Toda aquela geração de antropólogos que está no Museu de Arte Moderna, mesmo no Ifcs, Ana Loforte - são pessoas que fizeram aquele curso de desenvolvimento do Centro de Estudos Africanos, depois fizeram licenciatura em história. Mais tarde é que foram fazer pós-graduação em antropologia. A base deles é história. O próprio Covane. Chilungo.

P. F. – É, a base é história. É verdade. Não. Mas ele... Chilungo. É. Mas o Covane é historiador mesmo, quer dizer, que fez doutorado em história. E João Paulo... João Paulo é especial. É romancista, você sabe. Você leu os romances dele? São bons.

G. M. – Sim, eu leio. Ganhou o prêmio José Craveirinha há pouco tempo. Ele é muito interessante.

P. F. – Ele é muito bom. Muito. Muito incrível. E também foi lá que eu conheci José Luís Cabaço. José Luís Cabaço, que era, quando eu conheci, era secretário do Partido Frelimo, imagina. Eu morria de medo.

G. M. – Não era Ministro da Informação ainda?

P. F. – Não. Era secretário do Partido. Sinistro. Tive medo dele. Acabou sendo amigo. E muito amigo mesmo. Ajudou muito, muito. Porque eu acho que ele... Ele tem a minha idade, exatamente, sessenta e tantos anos. Ele é filho de um administrador colonial; foi criado na Zambézia, e foi um dos brancos que ficou, que gostava da idéia de revolução. Ele é muito, muito bem informado. Mas enfim...

G. M. – Depois, há aquele grupo de estudantes, que são selecionados e vêm aqui para o Ifcs. Como é que foi o processo de seleção deles?

P. F. – Bom. A minha análise, em Moçambique, era de que se você nascia no sul, você tinha certas vantagens. E havia cinco escolas secundárias apenas. Havia a escola de Quelimane, a escola de Nampula, a escola de Beira, a escola de Chiculacuala... Não, não é Chicualacuala, não.

G. M. – Não é Chicovane?

P. F. – Não, não. É perto de... Um território do império de Gaza, como se chama?

G. M. – Manjagaze?

P. F. – Não. É perto de Manjagaze. A escola.

G. M. – Chibuto?

P. F. – Não. Perto de Chibuto. Bom. Tinha lá uma escola. E em Maputo. Então achávamos que a gente deveria tentar representar o país. Então bolamos a coisa de uma bolsa para cada uma dessas escolas, de alguém saindo da escola que queria estudar no Brasil. Então fomos nessas escolas e entrevistava as pessoas que queriam vir para o Brasil. E pessoas com dezoito, dezenove anos. O mais jovem tinha dezessete. O Jaime Macuane tinha dezessete aninhos apenas, quando nós entrevistamos ele. Eu não sei se foi um bom processo, mas a idéia foi essa, de pegar as notas, entrevistar... A gente pediu algum ensaiozinho, para ver se escrevia direito e tal. Mas era assim. Então a gente fez quatro anos disso. Um total de vinte, que vieram estudar no Ifcs. Bom.

A. G. – Peter, você consegue engendrar uma aproximação entre as ciências sociais em Moçambique e aqui?

P. F. – Sabe que eu não sei o que aconteceu? Eu não sei. Faz muito tempo que eu não vou lá, e as coisas mudam tão rapidamente. Tudo em Moçambique funciona a base de projetos. Moçambique não é um país autônomo. Não é. As universidades não são autônomas, elas dependem inteiramente de financiamento para fazer qualquer coisa; e um professor não ganha suficiente. Não sei. Ganha?

G. M. – Não. Eles trabalham, para sobreviver, eles têm de fazer consultorias.

P. F. – Isso. Eles *vivem* fazendo consultorias. Não pode ser a mesma coisa. Estão sempre fazendo consultoria, pagos, regimento pagos, inclusive, porque a indústria do *Aid* é uma indústria muito bem paga. O pessoal das Nações Unidas, por exemplo, nem paga imposto de renda. Mesmo quando estive lá, ganhando, quinze, dezesseis, dezessete, dezoito mil dólares por mês, pessoas como nós. Os consultores são pagos. E os moçambicanos são pagos com as mesmas taxas que os americanos, ingleses e tal. Isso, por causa da equidade. Então você poderia ganhar muito dinheiro fazendo isso. Muito, muito dinheiro. Muito dinheiro, se você é bom. Então muda, completamente, a situação. Então não dá para comparar aqui. Acho que não dá. Não sei.

G. M. – Sim. Desse grupo que esteve aqui, que fez o Ifcs, alguns estão a trabalhar na universidade. Mas também é uma outra situação. O professor universitário moçambicano é um bombeiro, quer dizer, dá aula em vários lugares. E agora, com a abertura de muitas universidades privadas, é o mesmo grupo de indivíduos que é *professora* aqui, é *professora* ali.

A. G. – Eu estou falando mais de formação. Porque você falou de todos os seus processos de... saiu de Cambridge, chegou na Rodésia e teve que aprender a conhecer coisas diferentes. Eu estou falando desse tipo de coisa.

P. F. – Os de lá? Não sei dizer. Os que estudaram aqui, bem ou mal, levaram uma formação muito parecida com a sua. Não sei o que é que eles fazem com essa formação. Você sabe? Não sei. Teria que ver.

C. C. – Esses cientistas sociais ou intelectuais, mesmo que poucos, em Moçambique, o Brasil era uma referência – ou não – nas ciências sociais que se faziam aqui?



P. F. – Não.

C. C. – Ou em Portugal. Também não?

P. F. – Portugal era a França. Alguns deles têm laços com Portugal, bons laços com Portugal. Os portugueses quando entraram na União Européia, Portugal mudou, não é. Você sabe disso. A própria Lisboa mudou de cara. E Portugal mudou de cara. E de repente, o velho colonizador apareceu com muito dinheiro – para fazer projetos, não é isso? Muitos projetos. Mas é totalmente pragmático, na minha opinião. Não há nada... Ninguém está dizendo que a Comunidade Britânica e Nações não tenha um pragmatismo embutido. Claro que tem. Mas havia muito idealismo também. Quando nasceu aquela comunidade... Eu pensei um pouco nisso. Aquela comunidade quando nasceu, no final do Império, no final da década de 50 do século passado, as pessoas de bem, na Inglaterra, achavam que era possível inventar uma força, no mundo, que atravessasse várias culturas, várias línguas e tal, de iguais. A idéia era essa. Eu lembro, quando fui entrevistado para ir para a Rodésia, me perguntaram sobre isso. Eu lembro de ter falado, crente que era possível. Eu era muito ingênuo, muito, muito. Mais ingênuo do que sou agora. Mas acho que isso nunca apareceu como comunidade. A Comunidade, CPL... Como chama? - CPLP- Nunca. Nunca! E os portugueses agem pragmaticamente em relação a Moçambique, eu penso. “O que podemos tirar de lá”. Eu acho. Acho que não tem mais nada. E a mesma coisa em relação a Angola. A idéia de... Ah! E tem mais uma coisa. Os portugueses têm culpa do império. Os atuais, não é, têm. Têm vergonha do império deles, porque acham que foi um império ditatorial, que foi, não é? Quer dizer, eles têm vergonha. Esse é outro fator. Os ingleses nunca tiveram vergonha do império deles. Acharam que era um bom império; e que era uma maneira de dar uma certa sobrevida para ele, mantendo essa tal comunidade. Mas eu acho que os intelectuais portugueses não... Tiveram medo de aparentar, recriar essa velha idéia de um Portugal uno, multi... não é? Eu acho que sim. Você fala, você não pode dizer nada positivo, nada positivo sobre as relações raciais, porque você vai ser acusado de defender Salazar. Gilberto Freyre e companhia. Essa é minha experiência. Algumas pessoas estão mudando agora, mas...

G. M. – E essa leitura do Mário de Andrade sobre o Gilberto Freyre?

P. F. – O angolano?

G. M. – O angolano.

P. F. – Nunca li. Vale a pena?

G. M. – O Mário de Andrade acha o Gilberto Freyre, todo o *Casa Grande & Senzala*... Primeiro diz que essa miscigenação, o que houve, é porque havia poucas mulheres portuguesas. Não havia nenhuma vontade de miscigenação.

P. F. – Esse velho argumento.

G. M. – E que Gilberto Freyre, no fim, quando Portugal passa a ser criticado em nível das Nações Unidas, aquela passeata que fez em Campo Verde... Tem um texto interessante do Mário de Andrade. Eu vou lhe enviar.

P. F. – Eu vou gostar de ler. É a mesma crítica que se faz no Brasil, se fez sempre. Essa idéia de que os portugueses... Confundindo sexo e procriação com mistura. É um grande erro. Claro, todos os colonizadores treparam à vontade com as senhoras locais. A diferença é a maneira pela qual nós tratamos os filhos. Na África do Sul, os filhos foram ignorados pelos pais brancos e foram criados pelas mães; e acabaram formando aquilo que vocês chamam de *coloured*. Não é isso? Deve ter visto. O que é que fizeram os portugueses? O português, os pais, muitas vezes assumiram a paternidade, mesmo se não casassem, assumiram a paternidade, ensinaram os filhos. Todos os pais foram assim. Todo aquele empreendimento de Zambézia foi feito na base... muito parecida com o Brasil – dos filhos mulatos que eram mandados para Lisboa... perdão, Coimbra, que tiveram bibliotecas no mato... Era uma coisa muito parecida. Isso não tem nada a ver com sexo. Nada. Eles sempre dizem: “Não. Porque tinha poucas mulheres e tal.”. Mas tinha poucas mulheres na África... Eu discordo com esse argumento, fundamentalmente, porque não é a mesma coisa. Você manter relações sexuais com uma pessoa de uma outra cor, isso é uma coisa; a outra coisa é como você encara a produção desse sexo. Acho que Gilberto tinha razão, que os portugueses tinham uma outra maneira de encarar os filhos. E tem um artigo do Edmund Leach, que foi meu professor, chama-se “Nascimento Virgem”, ele acha que isso tem alguma coisa a ver com catolicismo, a idéia de filho de Maria, filho de Deus. Passa por aí. Uma idéia interessante. Você não precisa concordar comigo. Mas eu acho que não foi tanto assim. E o Gilberto Freyre, ele vai dizer que não, porque a expansão da cultura portuguesa foi muito parecida com a expansão da cultura árabe, quer dizer que não foi feita na base de proselitismo, foi feita na base de expansão, casamento, incorporação dessa forma, e a gradual disseminação de um indivíduo, de uma língua. Enquanto que os ingleses não, os ingleses... Claro que os ingleses e os boers mantiveram relações sexuais com mulheres

africanas, mas os filhos, eles não reconheciam. E mais tarde vão proibir as relações sexuais com as mulheres africanas. Vão proibir, tanto em Zimbábue quanto na África do Sul. Então, por que é que proibiram, já que tinha tantas mulheres brancas com quem transar? O Coetzee, o grande escritor sul-africano vai dizer que o apartheid foi construído sobre a proibição do prazer sexual. Eu acho que ele tem muita razão. Muita razão. Proibir. É a separação dos corpos literalmente.

C. C. – Bom. Daí para essas legislações raciais no Brasil, hoje em dia, a discussão sobre cotas, é...

P. F. – Mas tem lógica. Tem lógica. Eu acho que tem. Eu fico pensando, às vezes, fico pensando comigo mesmo, que toda essa posição que eu acabei assumindo tem a ver com Moçambique e Zimbábue, comparando Moçambique com Zimbábue, com certeza tem. Mas também vai muito mais para trás. Porque na minha... Você falou de 68. Quem eram os intelectuais que nos animavam naquela época, na Inglaterra? Um chama-se Bertrand Russell. Não porque era intelectual, e aliás nunca li *Princípios da Matemática*, mas porque ele liderava o movimento contra a bomba atômica, que era o grande movimento que nos animava. E o outro movimento era o movimento da psicanálise. Então tinha Basaglia, na Itália, e tinha um escocês, muito carismático na Inglaterra, chama-se Ronald Laing. E Ronald Laing... Esse movimento antipsiquiátrico era um movimento que negava a substancialização da loucura. O que se chama de essencialização dos loucos. E esse movimento era muito forte na época. Muito forte, de dessencializar. Não se usava essa palavra na época. Chama-se *labeling theory* – a teoria da rotulação. Quer dizer que naquela época éramos contra a rotulação. Contra. Nós achávamos que a rotulação era uma coisa que tinha que ser superada. Talvez, sem saber, nós éramos altamente individualistas, portadores, mesmo, do que o Sahlins reconhece como no fundo da nossa antropologia. Ou aqui no Brasil. O pessoal do Museu, com certeza. Éramos altamente individualistas, nesse sentido do indivíduo ideológico mesmo, livre das suas arestas biológicas, de família, etc... Então, se nós éramos contra a rotulação naquela época, continuo sendo. Acho que não tem nada que mudou. Nada mudou. E eu fico perplexo que as pessoas, por alguma razão ou outra... Não fico perplexo. Eu acho a idéia de se submeter a uma identidade coletiva, para mim, já é coisa que eu não posso apreciar.

C. C. – Tanto a idéia de rotulação racial como sexual também. Você vê no mesmo plano.

P. F. – Sexual, claro. A mesma coisa. E a grande diferença... Isso é interessante, Celso. A grande diferença entre o movimento gay e feminista, por um lado, e o movimento negro, por outro, é este. Porque o feminismo sempre teve que lidar com essa questão da essencialização das mulheres, não é isso? Então a idéia de gênero libertou as mulheres desse problema, de certa maneira. Porque não era o caso de essencializar as mulheres, muito pelo contrário. E as mulheres queriam superar os preconceitos de gênero, então queriam ter as mesmas liberdades que nós temos. Se eu entendi direito. Então é um movimento emancipatório, no bom sentido.

C. C. – Dessencializador.

P. F. – É, era. E o movimento gay também, porque o movimento gay era as duas coisas. Por um lado, você tinha o Luís Mott, e a maioria, de fato, achando que é uma essência mesmo; mas sempre tem pessoas como eu, por exemplo, estraga prazeres, dizendo – não é tão simples assim. Eu escrevi um artigo no *Lampião*... Eu vou ter que recuperar esse artigo. Não deve ser muito bom mas... Aquele ministro - Portella - tinha produzido uma frase: “eu estou ministro, não sou ministro” –, então eu escrevi um artigo: “Ser ou estar homossexual, eis a questão”; defendendo a liberdade de escolha, a complexidade etc. e tal. Mas isso fazia parte do movimento e ainda faz. Ainda faz. Então o movimento gay é um movimento que vive essa tensão. Enquanto que o movimento negro, ele é totalitário, ele só tem um pensamento. E vai lá e... Essa é a grande diferença. E também, muito mal-humorado, não é. O movimento feminista, também, começou muito mal-humorado, não é. Nós, homens, ficamos muito assustados. Mas melhorou. De vez em quando, sorrisos e tal. O movimento gay sempre é muito divertido, quando não estão brigando entre si. Mas o movimento negro... sai de baixo – é terrível.

C. C. – Mas a antropologia, nesse debate, às vezes, pode ser uma impressão minha, é tratada como se estivesse no plano das idéias, mas não da vida real. Essa dicotomia entre – “a sociedade real é assim, e vocês no plano das classificações...” Uma coisa muito abstrata. Eu não sei se você sente isso no debate. Embora haja vários antropólogos favoráveis, por exemplo, à implantação de cotas raciais.

P. F. – É. Não, mas isso que mais me espantou, Celso. Porque eu achava... Quando tudo isso começou, eu pensei... com meus botões, eu pensei: “bom, qualquer política que reforça essências eu tenho que criticar, é óbvio; mas eu suponho que todos os meus amigos antropólogos vão estar de acordo comigo”; então fiquei muito assustado de ver que não. Esse que foi o susto. E quando vi que era metade-metade, quase, fui somando quem assinava uma

carta e outra, fiquei mais assustado; me deu vontade de fazer um projeto de pesquisa, de entrevistar as pessoas que assinaram a carta contrária, para saber o que é que pensam. Porque, por escrito, não dizem. Não achei nada, nada, nada que me revelasse um pensamento antropológico que justifique essa diferença.

C. C. – Eu me lembro de um debate na Anpocs, sobre cotas raciais, estavam você e Yvonne. Eu assisti. Foi uma sexta-feira, vocês estavam de branco, os dois brancos vestidos de branco, uma platéia majoritariamente favorável, acredito, a cotas. Algumas intervenções, no limite... Eu achei que em alguma hora alguém ia chamar vocês de racistas. Mas faltava um pouco. Frases do tipo “-Se vocês não estão conosco, estão contra nós...” Como é que você, pessoalmente, lida, às vezes, com esse grau de tensão, vamos dizer de agressividade, quase.

P. F. – Apavorado, de fato. Eu prefiro não pensar. Porque quando você... Acho que a coisa mais desagradável é de não ser compreendido, não é? Isso é que tem me assustado muito, porque eu tentei deixar claro, em tudo que escrevi, que eu parto de uma posição radicalmente *a-racista*. Radicalmente. Mas eu suponho que... como é que é? Em guerra e em amor tudo se justifica, suponho. Então, essas acusações são... não levo a sério, porque é um... Não levo a sério. Mas é muito assustador. Muito assustador. Uma vez uma senhora me atacou. A Edna Roland. Eu fui cumprimentá-la, ela não quis falar comigo. E com dedo em riste, ela disse: “Você deveria ter ficado na sua universidade, escrevendo seus artigos. Você acabou com a nossa legislação.”. Como se eu sozinho tivesse. Uma coisa impressionante. Me atribuindo um poder que eu não tenho. E ela disse assim: “Quando você assinou aquela carta para o Congresso, você ultrapassou os limites.” E foi assim que ela falou. Essa frase é muito forte. Muito forte. E quando você produz uma frase dessas... Eu comecei a ficar com medo. Aliás, eu tenho mais medo deste governo que jamais tive do governo militar. Porque o governo militar, eu sabia que eu não era guerrilheiro urbano, nem nada, era óbvio. Agora esse governo, eu acho que ele tem sinais de totalitarismo que... Perdão. Tem sinais de totalitarismo. Ponto. Eles, semana retrasada, duas semanas atrás... A relação do governo com a sociedade civil é muito estranha, eu acho, porque é de subserviência; e também de produção mútua. Eu recebi um email me convidando para a conferência dos homossexuais, em Brasília. Você vai receber a passagem, hotel, blábláblá. Eu pensei: “Eu? Não sou militante de nada. O que é que eu vou fazer nessa reunião?” Então me dei conta que tudo estava sendo orquestrado pelo governo e pago pelo governo, ou seja, por você, não é, Celso, por você, cada coisa, cada quilo de arroz

que você compra. Eu me dei conta que o movimento gay estava no bolso do governo. A mesma coisa acontece com o movimento negro. Você cria um ministério, o Ministério da Desigualdade Racial, e enche de militantes negros. É isso que me assusta. Isso me assusta. Porque acho que não é assim que isso deve ser. E lembra um pouco o Estado Novo. Era assim que o Estado Novo funcionava. Os sindicatos, todos atrelados, até hoje, ao governo central. Aí o governo faz coisas respondendo às demandas do movimento social; mas as demandas do movimento social é produzido, de certa maneira, pelo próprio governo. Há uma relação incestuosa. E no movimento gay, não poderia ser mais claro, porque o movimento gay foi financiado pelo Banco Mundial. Antes disso, não havia movimento gay; e muito menos movimento lésbico. Mas... enfim, não preciso falar mais sobre isso.

G. M. – Ainda sobre essa coisa de cota racial. Há uma entrevista sua, em que diz que, no meio de tudo, o que mais lamenta é a jurisdição... quer dizer, a transformação disso em leis.

P. F. – Foi só isso. Não tem mais nada. As pessoas... Você tem toda a liberdade, eu não vou opinar sobre com quem você anda, o que é que você... Nada. Se você quer andar com todo mundo da mesma cor de você e pleitear, é direito teu. Mas as pessoas têm dificuldade de entender essa minha posição. Claro. Não tem briga. Mas é quando você coloca aquilo como categoria jurídica que me assusta, porque de repente você obriga a população inteira a fazer a mesma coisa. Eu acho perigoso.

C. C. – Obriga a assumir uma identidade.

P. F. – É. Obriga. E cria cisões onde não deveria haver cisão. E sobre as cotas universitárias em particular, os grandes ricos do Brasil pouco se lixam pelas cotas. Por quê? Podem mandar os filhos para o pH, que vão entrar nas universidades públicas, provavelmente, não é isso? E se são muito burros, manda para PUC ou manda para Washington. Quer dizer que não afeta. A elite brasileira não é afetada por essa cota. Não é. Quem é afetado? É aquela baixa classe média, que pela primeira vez vislumbra a possibilidade de entrar numa universidade pública, que são as pessoas – se eu disser geograficamente – Bonsucesso, Madureira, Jacarepaguá. Baixa classe média, que pela primeira vez consegue botar os filhos em escolas secundárias mais ou menos decentes. Essas são as pessoas que vão ser afetadas pelas cotas. E que são essas pessoas? As pessoas mais multicoloridas do Rio de Janeiro, não é? Então... Aquela elite é basicamente branca, não... não fica lá. Os filhos do Celso vão para qualquer lugar que ele quer. Não é, Celso?

C. C. – [INAUDÍVEL]

P. F. - Sim. Você não é grande elite, mas você é um homem que vai dar para os seus filhos o que eles precisam para entrar numa universidade. Você também, Guilherme. Você também. Agora aquela classe média que não tem livro em casa, que mal conseguiu passar naquele colégio, essas são as pessoas que vão ser afetadas. E essas pessoas são multicoloridas, são cromaticamente complicadas; que, provavelmente, nem pensaram muito sobre essa questão antes. De repente... Então, é uma pedagogia perniciosa, penso eu. Só isso. E se tivesse... Não. Não posso falar. E eu... Zimbábue, para mim, é um exemplo vivo do mal que se faz quando você inventa de organizar uma sociedade na base da raça. O Mugabe é tão ou mais racista quanto os seus algozes de antigamente. Igualzinho. Só que pior. Pior, na minha opinião. E ele faz isso porque ele foi criado... Uma vez que você estabelece uma sociedade desse tipo, é muito difícil de desfazer. Obama está tentando desfazer. Eu acho, sinceramente, que Obama está tentando desfazer. Por isso que eu sou partidário do Obama. Se fosse americano, votava nele. Porque ele... Ele tem um discurso. Ele disse para o cônsul do Brasil em Washington: “Eu não pareço brasileiro?” – ele falou. Porque ele imagina uma sociedade, que eu imaginava, de Martin Luther King, onde as pessoas são julgadas pelo conteúdo do seu caráter e não pela cor da sua pele. Tudo isso parece muito romântico, mas eu acho que é isso mesmo. Senão... Veja bem. O Obama levanta, e vão vinte mil jovens para pular de alegria na frente dele. Você viu na campanha dele. Uma coisa impressionante. Pessoas da sua idade, mais jovens. Aqui, os jovens ficam pulando de alegria para quê? Cotas. O contrário. O vídeo que eu vi, do Rio Grande do Sul, da Universidade do Rio Grande do Sul, é de assustar. De assustar. Assim, raiva, raiva. Branquinhos. Liderados por branquinhos, meus colegas. Muito estranho.

C. C. – Peter, você acha que a antropologia te ajudou a pensar sua própria vida?

P. F. – Acho. Acho. E eu acho que consolidou uma espécie de alienação, [riso] que eu me sinto desde sempre. Eu não sei se ajuda ou... Eu acho que é uma disciplina danada porque... Eu chamo a antropologia de a disciplina estraga prazeres, porque tudo que parece natural não é. Mas, sinceramente, eu penso que ela veio corroborar um tipo de personalidade que eu tenho. Eu sempre fui muito curioso de todo. Sempre fui. Sempre me senti diferente dos outros. Sempre me senti. Sempre me senti marginalizado. Então, veio um pouco para me dar um... Não é?

C. C. – O Geertz termina o *Anti-anti-relativismo* com uma frase mais ou menos assim: “se queríamos verdades domésticas, não devíamos ter saído de casa”. E você saiu de casa e...

P. F. - [riso] É verdade. Ele fala isso, não é. Eu não sei, Celso, mas eu estou dentro da minha casa, não é? E acho que a antropologia... As pessoas da minha intimidade me acusam disso, de achar que eu estou sempre com razão. Isso é horrível. Eu acho que um pouco vem dessa onipotência da antropologia, sabia? É uma coisa que eu não gosto. Quando as pessoas me dizem isso, eu nego. Mas já que tanta gente me falou, eu acho que deve ser mais ou menos assim. Porque a gente está sempre analisando, não é isso? Sempre analisando, desmontando, desconstruindo, não sei que mais. Então eu acho que prejudica. Prejudica. É estraga prazeres mesmo. Ao mesmo tempo tem me dado muito prazer em fazer isso, e ter me dado uma ciência para me justificar, me legitimar, quem sabe.

C. C. – Inglaterra, África, Brasil... onde é que você se sente mais nativo ou mais estrangeiro?

P. F. – Os meus amigos mancomunianos, de Manchester, diriam que é tudo situacional, meu amigo. E é mesmo. É mesmo. Tem situações que, no Brasil, me sinto absolutamente inglês. Tem outras situações em que eu me sinto absolutamente carioca. E tem situações lá... E vice-versa. Às vezes baixa uma *inglesidade* em cima de mim. É, normalmente, quando... É, normalmente, as coisas que eu não gosto daqui. Aí eu lembro das palavras de um outro amigo meu, antropólogo, que saiu da Inglaterra e foi morar na Itália. Agora mora na Austrália. Chama-se Robert. Robert Brain. Aí eu disse: “Robert, mas você vai morar na Itália?” - “Peter, é ótimo morar na Itália. É tudo muito parecido de morar na Inglaterra. A única vantagem de morar aqui é que eu posso dizer que as coisas ruins são responsabilidade dos italianos.” Às vezes, eu tenho isso aqui também. [riso] É uma fuga, não é? Então, quando acontecem essas coisas horríveis, horríveis mesmo, eu oscilo entre eu sentir responsabilidade, vontade de gritar, eu, de vez em quando, eu sinto: “ah meu Deus do céu! Por que eu vim morar aqui?”. Mas as críticas que eu faço são as mesmas que todos meus amigos fazem. Às vezes, quando falam os motoristas de táxi para mim: “você, como inglês, deve achar isso, isso, isso” – aí eu respondo sempre: “mas as críticas que vocês fazem não são exatamente as mesmas que eu faço?”. E são. Aliás, é um grande mistério que eu tenho, grande mistério, é que há um consenso tão enorme sobre os problemas do Brasil, e muitas vezes, até da maneira de resolver, mas não anda, não é?

C. C. – Deixa usar um termo fora de moda na antropologia. Você se sente mais assimilado na sociedade brasileira do que seria em outro lugar.



P. F. – É. Super-assimilado. Às vezes, quando volto para a Inglaterra, me sinto muito estranho lá, começo a fazer coisas que não devia assim – fazendo assim com as mulheres. Isso não se faz. Tapas nas costas. Eu vi... Quem é que eu vi fazendo, tapas nas costas, na televisão? Que não devia. Era o Celso Lafer. Não. Era Lula, na China. Mas sabe de uma coisa, Celso, eu acho que no fundo, no fundo, as nossas sociedades não são tão diferentes, como os antropólogos alegam que são. E dizem que a Inglaterra está ficando muito brasileira, com o velho sistema da polícia internalizada morrer, a polícia já anda armada, há cada vez mais casos de grande escândalo. Aquele lugar que eu achava que era muito inocente talvez não fosse, não tem estado tão inocente assim. E cheguei a pensar, outro dia, que a especificidade do Brasil é a crença na sua especificidade. Porque ela faz parte do Ocidente mesmo. Faz parte. Ela não é *tão* diferente dos outros. E quando vi a madame Ingrid Bettancourt sendo entrevistada... Ela foi entrevistada, ontem, na BBC. Recomendo. *Hardtalk*. É um programa de entrevista. Eu fiquei absolutamente comovido. Mas ela falava, eu não sabia se ela era francesa, inglesa – ela fala inglês numa perfeição -, colombiana... É um de nós falando. Você chora, chora, de ouvir ela falando.

[FINAL DA FITA 2]

C. C. – Se eu pedisse para você destacar um personagem e um livro que tenham sido mais importantes?

P. F. – Personagem da antropologia?

C. C. – Na sua formação acadêmica.

P. F. – Bom. Da minha formação, o Jack Goody foi fundamental, porque ele não tem pretensão, ele era muito pão-pão, queijo-queijo. A Mary também, por outra... exatamente ao contrário. Mas dos antropólogos, quem eu mais amo é o Marshall Sahlins. Que eu mais aprecio. Esse foi amor à primeira vista, quando comecei. Aliás, Marshall Sahlins, eu conhecera nas mãos do Jack Goody, menino de graduação, porque o Jack me deu a tese de doutorado dele para ler; e era para *malhar*, e eu levei tudo a sério. É uma tese de determinismo ecológico. Sabia? São ilhas do Pacífico, três: uma com alto grau de hierarquização política, outra com menos e outra no meio. E o Sahlins vai dizer que as ilhas mais produtivas produzem mais hierarquização. Mas isso foi antes dele ir para Paris. Interessante, não é? E livro, eu acho que *Cultura e Razão Prática*. Se eu tivesse que dizer um livro de antropologia, é esse. Que eu volto sempre. Porque eu acho que é uma espécie de... Ele cobre tantas... Mas é difícil de eu falar de

um livro. Mas é um livro que me deu alegria de ler. Ah! E esse livro eu li quando saiu. Eu estava em Campinas, lidando com esses economistas, cientistas políticos... E tem outro livro, que sai antes, que aliás eu não tenho, e nunca foi traduzido – talvez o CPDOC queira traduzir – *Usos e Abusos da Sociobiologia*. Conhece esse?

C. C. – Usos e abusos.

P. F. – É fantástico. E que está piorando a situação. Está na hora de ressuscitar esse livro do Marshall Sahlins. Mas *Cultura e Razão Prática* foi fantástico, porque me deu a possibilidade de entender a relação da antropologia com o marxismo e com o Ocidente. Por que a antropologia era uma característica mesmo do Ocidente. Bom. Está dito.

C. C. – E para entender o Brasil, um livro?

P. F. – [*suspira*] Como eu te disse, eu acho que o Brasil não se entende, eu acho que não... entender o Brasil... [*silêncio*] Engraçado. São pedaços do Brasil que eu penso, porque se eu falasse... Porque... Estaria mentindo se falar Gilberto Freyre, por exemplo. Não foi. Me ajudou a entender um aspecto, que eu acho um aspecto fundamental do Brasil, mas não *o Brasil*. Se falasse... [*suspira*] Puxa! Não sei responder. Depois, um dia eu te falo. Deve ter alguma coisa, não deve? Deve ter. Tem tanta coisa que eu gostava de ler; mas são aspectos. Por exemplo...

C. C. – Pode ser literatura.

P. F. – É. Bom. Literatura... Não, mas... sabe... Por exemplo, *Os Sertões* foi um livro que eu li antes de vir para cá, que eu achei simplesmente maravilhoso esse livro; mas uma das razões que eu achei é que eu tinha visto os filmes do Glauber lá...

C. C. – Na Inglaterra.

P. F. – É. E...

C. C. – Você já tinha visto, então, *Orfeu*, lido *Os Sertões*, visto o Glauber... Tem mais coisa aparecendo aí, Peter.

P. F. – É. E já tinha lido a tradução do Gilberto Freyre, como chama?

C. C. – *Slaves and Masters*?

P. F. – *Slaves and Masters... Masters and Slaves, I think.*

C. C. – Ou *Masters and Slaves*.

P. F. - Mas eu digo coisas específicas, assim, algumas coisas muito específicas, que são jóias, na minha opinião, para entender certos aspectos do *Brasil*. De literatura... Não sei.

C. C. – Peter, mudando de assunto. Voltando da África, você vai para o IFCS, como professor adjunto, depois vira titular. Esses quinze anos no IFCS, como foi esse período?

P. F. – Muito complexo. Eu tinha admirado muito o IFCS quando trabalhava na Fundação Ford. Você sabe que eu sou velho amigo da Yvonne, não é. Eu orientei a tese de doutorado dela. Mas sou amigo dela desde setenta e pouco. E através dela conheci o IFCS. E quando vieram os moçambicanos, eu tive que pensar onde mandar para estudar. Eu achava que Campinas era muito provinciano, demais, para eles. Eu achava que Rio, talvez, era cosmopolita demais da conta. Mas eu achava que como Yvonne compartilhava as minhas idéias, de abrir cabeças, e não fechá-las, e como o IFCS tinha um corpo discente muito variado, muito variado mesmo, em termos de classe, de cor e tal, eu achava que era o lugar que eu poderia recomendar. Então foi assim. Esse contato com o Ifcs começou assim. E, quando voltei da África, Yvonne me convidou para ser professor visitante. Eu ia tomar um ano de férias para pensar a vida, mas eu aceitei. Eu fiquei honrado de voltar, de voltar para o Brasil e dar aula no IFCS. Mas eu tive uma idéia completamente romântica do IFCS: aquele prédio velho, caindo aos pedaços e tal, escadas... Eu gosto das coisas que tem pátina da idade. Eu gosto, sempre gostava. E se fui muito bem recebido pelos amigos, também foi muito difícil, no início, muito, muito difícil, sobretudo por causa dos moçambicanos; porque eu escrevi um projeto de pesquisa, chamava-se *A transição do socialismo para a democracia* – e isso cai nas mãos do PC do... PC do B, sei lá o quê, os alunos, que acharam que quem escrevia isso, evidentemente, era extrema-direita, porque você não pode transitar do socialismo para lugar nenhum porque já é perfeição. Então começaram a me boicotar. E alunos não falavam comigo e... Foi realmente horrível. E chegou no auge quando fiz a minha... Porque é muito difícil você trabalhar... Porque Campinas, as pessoas gostaram de mim. Eu não entendi por que ninguém gostava... Bom. Ninguém... Alguém gostava, não é. Mas me senti muito rejeitado. E quando fiz aquele exame de titular, aquilo foi... foi difícil, porque eu... A banca estava aqui, naquele salão nobre, eu estava aqui... Estava cheio de gente. Mas eu não vi. Eu estava de costas. A banca estava *aqui*, e tinha *aqui*, Gilberto, Eunice Durham, Yvonne era *chairman*, depois vinha Heloísa Buarque de Hollanda... Não. Ruth Cardoso e Heloísa Buarque de Hollanda. Que era uma banca e tanto, não é? E houve

um intervalo. E no intervalo, a Ruth... A Ruth tinha acabado de virar primeira dama. Quando foi convidada não era, mas virou. E ela passou por mim, (era hora do almoço) me pegou pelo braço, disse assim: “Peter. Eu não vou querer ser vista muito perto de você, não, porque eu não quero ser tachada de colonizador anglo-americano.”. Eu ri. Achei que era uma piada. Mas não era. Porque, quando saí, eu vi que os alunos estavam lá, com placas, dizendo “volte para casa, colonizador anglo-americano”... Coisas do gênero. Bom. Eu fingi que era uma piada. Até tirar... tirei fotografia de mim, em pé – estava lá a Regina Casé e o Hermano Vianna, que vieram, e tiramos uma fotografia, porque era uma maneira de tentar matar a coisa. Mas aquilo ficou na minha garganta. Aliás, até hoje. Por isso que eu estou falando. Até hoje. Porque eu achava que alguém poderia ter feito algum tipo de desagravo. Descobri, depois, que se não fosse o trabalho de alguns colegas, a coisa teria sido muito pior, com demonstração, passeata, sei lá o quê. Então, infelizmente, o IFCS... foi assim. E eu, como eu sou uma pessoa muito frágil e sensível... ninguém acredita, porque eu tenho tendência de franzir a testa e ficar com cara brava, mas eu sou muito sensível mesmo -, e aquilo foi pior que todas as acusações de racista depois. Muito pior. Porque eu achava absolutamente desnecessário, antidemocrático e anti-universitário. E quando conversei... Foi uma espécie de racismo, não é? Eu falei com um colega meu, que disse para mim... a resposta foi assim: “Mas eu fui muito maltratado na Alemanha”. Como se uma coisa justificasse a outra. Que eu acho que não é o caso. Pronto. O que mais você quer saber do IFCS? Eu acho que o IFCS é um... infelizmente, é um lugar que tem que ser revolucionado – completamente. É um lugar que... Bom. Quem vai ouvir isso?

C. C. – Eu não sei. Mas o IFCS talvez vá para o Fundão.

P. F. – Talvez é até melhor. É uma instituição que funciona a meio pau o tempo todo, e é uma instituição que tem excelentes, fantásticos professores; para o aluno que sabe aproveitar, é perfeito; para quem não sabe aproveitar, uma droga. Mas todo mundo sabe isso. Todo mundo sabe. Os funcionários não funcionam. Todo mundo sabe. Tem uma placa ao lado do elevador, que eu vi... Você viu? A placa diz assim: “Doravante, a partir de junho, os funcionários trabalharão seis horas por dia.” [riso] Mais embaixo está escrito: “isso não representa nenhum...” como é que é? – negação de nenhum direito. Aí vem uma lista de decretos-leis, que dizem que funcionário tem funcionar. Uma coisa fantástica. O IFCS não é o que eu imaginava que seria. Não é mesmo. E o IFCS tinha um controle, *tinha*, - está menos - ideológico muito, muito sério. Mudou muito. Muito. Mas na época que eu cheguei, em 93, tinha sete professores

– juntos, malhando outros. Tinha. E era uma coisa ideológica mesmo. Pseudo-socialista. E achava que era... E o mais incrível é que eu saí daquela Fundação Ford pensando: “agora, vou voltar para a universidade, que eu sempre amei, porque a universidade é lugar de você pensar, poder dizer o que pensa, etc...”. É o único lugar onde você não sofre de arestas ideológicas. Mas descobri que era mais ideológica que a Fundação Ford. A Fundação Ford me chamava de oposição leal; e aqui, estava sendo acusado de colonizador, de... etc. etc. Neoliberal. Sei lá o quê. Que eu acho de uma pobreza. E mais pobreza da coisa toda –, que, aliás, é uma característica da academia brasileira, isso eu posso te dizer – é que as pessoas não se confrontam. Não se confrontam. E nem mesmo por escrito. Fazem alusões. E tentam desqualificar, em vez de usar um bom argumento. Mas eu acho que é típico de um sistema ainda muito hierárquico, não muito individualista de fato; apesar de toda a teoria do Museu, eu acho muito pouco individualista, pouco mesmo, e muito hierárquico; todo mundo com o rabo preso, como se diz. Medo. *Medo* de se expor. E falam mal. E de vez em quando faz tramas. Fizeram tramóia contra mim. Fizeram. Os alunos e professores do IFCS fizeram. Uma espécie de boicote. São poucas pessoas que tiveram coragem de falar comigo. Poucos alunos de graduação que tiveram coragem de trabalhar comigo. Felizmente, todos eles têm doutorado, são felizes da vida e bem estabelecidos no mundo. Mas tiveram muita coragem de fazer. Muita coragem. Isso parece sessão de psicanálise, não é?

C. C. – Geralmente, o antropólogo tem experiência de entrevistar outras pessoas. E qual é a sua experiência, agora, de falar, ser entrevistado?

P. F. – Não. Eu adoro ser entrevistado, de fato. Que é uma espécie de reconhecimento, não é? Uma espécie de reconhecimento, me ajuda a falar. E também eu acho que... Algumas pessoas pagam psicanálise. Eu falei de psicanálise de verdade, porque, às vezes, as pessoas pagam para poder falar, não é isso? Dessa vez, não precisei pagar. Espero apenas que não vão me criar mais problemas ainda, além dos que eu já tenho. E problema sério. Eu estou pedindo aposentadoria, mas é tão ineficiente o IFCS que não consegue nem me aposentar. E eu não quero causar aos meus amigos nenhuma mágoa, porque... Uma das coisas que eu aprendi é que os amigos que se faz são os amigos ou... A grande maioria dos amigos que nós fazemos são os amigos dos lugares onde somos por obrigação: escola, universidade, trabalho. Não é isso? É verdade isso. Os meus amigos foram recrutados, quase todos eles, assim. Então, da mesma forma, no IFCS, tenho bons amigos. Muito bons amigos. E quero bem. Mas a instituição, me

dá uma raiva. E também, acho que uma raiva de mim mesmo, de não ter feito nada ou tentado fazer, sem conseguir. Uma vez, eu pensei me candidatar diretor do IFCS, uma espécie de anticandidatura, com um lema assim: “funcionários funcionarão”. Assim. [riso] Alguma coisa assim. Mas eu não tive coragem, nem de fazer isso. Não tive coragem de fazer. Quer dizer que eu sou fraco. E não sou liderança de nada, nunca fui. Pronto.

C. C. – E as ciências sociais no mundo de hoje, Peter? O que você acha, quando um jovem vai fazer ciências sociais, você acha que ainda são importantes?

P. F. – Não. Não acho, não. Uma das coisas... Não, não acho. Infelizmente. Uns e outros vão ser importantes, talvez, a grande maioria não. Que não é de surpreender, porque a maioria de nós... é mediano. Acho que é a mesma... Vai ter a importância que sempre teve. Algumas pessoas vão ter um impacto muito grande, outras menos. Mas a sensação que eu tenho é que estamos muito burocratizados mesmo. Muito burocratizados. Não vejo muito carisma nas ciências sociais. Não vejo. Vejo uma coisa muito burocratizada. E às vezes, eu vejo aqueles armários cheios de teses e dissertações, que não são publicados e ficam lá, acumulando poeira. Agora melhorou, porque eles estão todos disponíveis digitalmente, supostamente; isto quer dizer que, agora, vai ser melhor. Mas a sensação...uma sensação que tem uma coisa meio... Por isso que não vou mais na Anpocs, não vou na ABA. A sensação, um pouco, de... de um *business*. Mas um *business* sem tensão e sem... Um *business* de emprego. Sempre foi, não é. Sempre foi. Eu também, eu fui empregado. Eu sou empregado. Mas, sabe o que eu acho... E também, tem alguma coisa a ver também com as pessoas que fazem ciências sociais, porque, antigamente, quem fazia ciências sociais eram pessoas que tinham certas ambições, eu penso. Até no IFCS. O IFCS era tido como escola de jovens políticos, não é isso? Mas a profissão político já dançou. As pessoas de bem não querem ser políticos. Muito poucos deles. Eles querem fazer outra coisa. Então eu suspeito que essas pessoas, sociologicamente, essas pessoas não estão fazendo ciências sociais; ao menos, no IFCS, não estão. Estão lá na comunicação, sonham com uma vida globalizada, sei lá. Mas eu suspeito que é isso, que é um péssimo curso. Péssimo curso. E interessante, porque, de vez em quando, no IFCS, a gente dá aula para o pessoal – dava aula para o pessoal de comunicação e pessoal de ciências sociais, era notável a diferença. Notável. Os de comunicação eram muito mais empenhados, muito mais interessados, muito mais acordados, eu achava. Acordadas. Não eram aquelas turmas sonolentas de pessoas lá no IFCS, de ciências sociais. E acho que... Eu acho que isso é o mundo em que nós vivemos.

Suspeito que daqui a vinte anos as universidades públicas vão ser tão ruins como são as escolas públicas agora, pela mesma razão: você vai aumentar, aumentar, aumentar a população universitária, ainda haverá a luta para os pequenos lugares de alto *status*, e suspeito que não vão ser as universidades públicas capazes de se manter nesse... Já é o caso, eu acho. Em ciências sociais, as pessoas vêm aqui. Quem pode pagar vem aqui. Ou vai para a PUC. Já começou. Tem colegas meus cujos filhos estudam na PUC, porque acham que vão ter uma educação melhor. Com menos greves, por exemplo. E a universidade pública, a tendência, eu acho, a tendência é de ficar cada vez mais medíocre. Na área de ciências sociais, pelo menos. Não sei.

C. C. – E se você conseguir se aposentar? Conseguir pelo processo burocrático. Você quer ter mais tempo para quê?

P. F. – Se eu conseguisse me aposentar... Ah... Celso, eu quero trabalhar com você, num lugar privado, livre de todas aquelas arrestas públicas. Não. Brincadeira. Eu quero escrever, que eu quero escrever... eu tenho a ambição, que é uma ambição, provavelmente maluca, mas eu queria escrever romance. Suspeito que não tenho talento para tanto. Mas só vou saber depois de tentar escrever. Mas eu... já está, são dois já, na cabeça. Se eu conseguir a disciplina para fazer isso. Mas acho que não conseguiria fazer isso ainda ligado à universidade. A minha vontade... Essa coisa que eu te falei. Bom. Isso é uma fase. Já foi. Tchau. Obrigado. Mas eu gostaria de escrever um romance sim. Porque estou mais interessado na verossimilhança de que na verdade. Eu não quero escrever mais nota de rodapé, não quero mais ter bibliografia, eu quero escrever sobre a sociedade como escreve um romancista, uma coisa mais ou menos verossímil. Eu gostaria de ser Aguinaldo Silva. A pessoa que eu mais admiro é ele. Eu acho que ele nos deixa no chinelo. Consegue produzir uma novela com um impacto sobre a sociedade muito maior do que qualquer um de nós jamais terá. Mesmo o Roberto DaMatta, não é? Mesmo o Roberto DaMatta. Eu fico... Eu admiro muito, muito ele. E você sabe que Aguinaldo dirigia *Lampião*, aquele jornal, que eu conheci na década de 70, quando era um jovem jornalista tentando fazer carreira. E *Lampião* fazia parte disso. E *Lampião* acabou porque ele estava lá na direção do *Lampião*, ele, Aguinaldo; porque ele, Aguinaldo, percebeu que, se você quer ter um impacto, você tem que escrever coisas que as pessoas gostam de ler. Não adianta escrever panfletos. Ninguém lê panfleto. Aí os mais sérios lá, o pessoal de São Paulo – me esqueço os nomes. É uma coisa freudiana, mas enfim – Não. Porque o Aguinaldo quer banalizar e quer popularizar, e nós temos que manter o... sei lá, nossa dignidade... Blábláblá.



Brigou assim, foi, acabou. Acabou. Agora quem... Bom. Provavelmente, João Silvério Trevisan, provavelmente, ainda acha que Aguinaldo Silva não presta. Eu acho que Aguinaldo Silva presta e muito, porque ele é o mestre do diálogo; para ser mestre do diálogo, você tem que ser um bom antropólogo. Ele tem que produzir coisas mais ou menos verossímeis. Quando ele produziu aquela universidade - vocês não assistem novela, mas eu assisto, as novelas dele - ele produziu uma universidade privada – fantástica. Parecia o IFCS. Igualzinho. Até Yvonne tinha. [risos] É. Foi Suzana Vieira. É. Não. Guardadas as coisas, não é. Não. Ele... E se você tivesse de me dizer - então, talvez, estou um pouco respondendo essas coisas. Eu acho que o Aguinaldo Silva é uma raridade. Eu assisti quase todas as novelas dele. Desde aquele que ele começou a escrever com o falecido Dias Gomes. Foi lá, ele começou a enlouquecer. Foi ele que inventou a rua da lama lá. Aí, brigaram e tal; mas ele continuou fazendo. Ou seja, eu sou completamente diferente dos outros, eu não sou sério mesmo, não acho que as ciências sociais tenham alguma coisa muito especial a dizer, mas é bom ter uma formação nas ciências sociais, é bom ter. Mas... Eu, de fato, admiro as pessoas que escapam da universidade, sabia, Celso? Eu tenho muita admiração. E eu me penso fracassado, às vezes, de não ter feito isso. Aqueles anos na Fundação, talvez, por isso que eu tanto tenha gostado deles, porque me senti útil, mesmo fazendo milhões de besteiras. Era divertidíssimo. Aprendi muito, muito, muito. Eu acho que quando você aprende alguma coisa e consegue fazer alguma coisa é felicidade. Foi isso que aconteceu com a Ruth Corrêa Leite Cardoso. Quando ela virou primeira dama, ela ficou acuada, no início, eu lembro. Quando ela percebeu que ela poderia, naquela situação, se beneficiar e muito, ela viajava e dizia, “eu quero visitar fulano de tal” e ia. Ela mandava. Então, ela sabia que poderia andar o mundo inteiro, conhecer tudo que ela queria conhecer. Fez. Mas também sabia que, daquela posição de poder, ela poderia fazer para os outros. Fez. E ficou muito feliz. Muito, muito feliz. E com razão. O ideal, não é? Você se diverte, você aprende, você se enriquece e faz alguma coisa para os outros. Idealmente, a universidade é assim. Mas, para isso poder funcionar, você tem que ter muito... Tem que funcionar mesmo. Você tem que ter acesso... Para a universidade funcionar, você tem que... tem que... tem que ter uma biblioteca, informação. Felizmente veio a internet para nos ajudar. Veio nos ajudar.

[FIM DO DEPOIMENTO]

---